

COMPLEXO EDUCACIONAL FMU/FIAM - FAAM

RELATÓRIO FINAL

NOT ALL MAN

Masculinidade no século XXI

DENISE CARVALHO FRANCISCO

Curso de Psicologia

Data de Ingresso no programa: fevereiro 2016

Profa. Edna Tiemi Sakata

SÃO PAULO

2017

REITORA

Profa. Sara Pedrini Martins

PRÓ-REITORA ACADÊMICA

Profa. Luciana Darwich

MEMBROS DO COMITÊ DE PESQUISA E INICIAÇÃO CIENTÍFICA

Germano Schwartz

Elizabeth Del Nero Sobrinha

Alessandro Marco Rosini

Alexandre Formigoni

André Godoi Chiovato

Andrea Roberto Bueno Ribeiro

Breno Schumacher Henrique

Daniel Pereira Militão da Silva

Guilherme de Paula Costa Santos

Helena Napoleon Degreas

Jefferson Russo Victor

João Borges

Kelly Cristina de Melo

Luciana Itikawa

Marco Antonio Barbosa

Maristela Sanches Bizarro

Orlando Roque da Silva

Patricia do Amaral Merofa

Paula Andrea de Santis Bastos

Regiane Caminni Pereira da Silva

Regina Célia Martinez

Simone Maria Espinosa

DENISE CARVALHO FRANCISCO

EDNA TIEMI SAKATA

NOT ALL MAN

Masculinidade no século XXI

**Relatório Final do
Programa de Iniciação Científica do
Complexo Educacional FMU**

SÃO PAULO

2017

DEDICATÓRIA

Esta pesquisa dedico a meus amigos, homens de corpo e gênero, cujas angústias, desejos, alegrias e questionamentos me inspiraram a aprofundar o que se sabe – vagamente - sobre suas subjetividades e claro, a meu pai, homem mais importante e indecifrável que tive a oportunidade de conhecer.

“Uneasy lies the head that wears a crown.”

Henry IV Part 2: Ato 3, Cena 1, Página 2
William Shakespeare

RESUMO

Este trabalho consiste em uma revisão sistemática de artigos coletados a partir dos descritores “masculinidade”; “masculinidades”; “crise da masculinidade”; “masculino”; subjetividade masculina”; “virilidade”; “psique masculina”; “identidade masculina”; “*masculine self perception*”; “*masculinity*”; “*male self image*”; “*male identity*” selecionados nas fontes eletrônicas Pubmed e Scielo, entre 2010 e 2017, com o objetivo de analisar e sintetizar estudos publicados acerca da Masculinidade no século XXI, concluindo que, apesar de uma nova masculinidade estar nascendo na sociedade contemporânea, muitos fatores relacionados à ela ainda são pouco explorados pela ciência.

Palavras chave: masculinidade hegemônica, nova masculinidade, identidade masculina, sociedade, século XXI.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
O CORPO MASCULINO	5
O HOMEM PROVIDOR <i>O trabalho que estrutura e limita o ser</i>	8
O CLUBE DO BOLINHA <i>Amizades que acolhem e violentam.</i>	10
O OUTRO LADO DA MOEDA <i>Sexualidades, afeto e gênero.</i>	12
ENCRUZILHADAS AFETIVAS <i>Relações entre gêneros e ident. nascidas do conflito.</i>	16
O SEMI-DEUS <i>Falhas, drogas, suicídio, violência</i>	19
<i>NOT ALL MAN</i> <i>sementes de masculinidades contemporâneas.</i>	25
METODOLOGIA	32
RESULTADOS	35
DISCUSSÃO.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

Nem todo *homem* é igual. Assim como “feminino” não é o sinônimo de mulher, “masculino” também não é sinônimo de homem. Ambos conceitos são resultado de construções sócio históricas que muitas vezes, vão além do corpo biológico e por isso, não é possível pensarmos em identidade masculina como algo *oposto* à identidade feminina (PRASAD, 2012; SOUZA, BIANCO E JUNQUILHO, 2015). Cada indivíduo traça sua subjetividade em um intercâmbio constante de conteúdos internos e experiências externas. No entanto, o comportamento masculino só passou a ser questionado há pouco tempo. Somente após a emergência dos estudos feministas, a sociedade – e o próprio homem – se tornaram capazes de observar e perceber comportamentos atribuídos ao gênero masculino. (DA SILVA E MACEDO, 2012) De acordo com Joan Scott, gênero é uma das maneiras de se estabelecer e dar significado às relações de poder, sendo um elemento que constitutivo das relações sociais, historicamente fundamentadas na diferença entre os sexos - diferenças estas que no decorrer do tempo, se transformam em símbolos culturais que evocam e constroem significados simbólicos (TORRÃO FILHO, 2005). Porém, muito antes deste conceito ser elaborado pelos cientistas sociais, filosofia e biologia eram os saberes responsáveis por ditar regras de gênero. Foram os Racionalistas, os Iluministas e os Darwinistas quem, nos séculos passados, determinaram o que era considerado “coisa de homem” ou “coisa de mulher”.

A partir daí, estabeleceram-se normas, comportamentos e expectativas pré-definidas para cada um dos sexos, pautadas em determinismos teóricos e biológicos, desconsiderando, na maior parte das vezes, a vivência subjetiva do indivíduo. No entanto, a vida em sociedade cria um conjunto de imposições comportamentais gendradas (determinadas pelos papéis de gênero), limitando ou disponibilizando determinadas experiências, de acordo com características físicas herdadas. Durante muito tempo pressupôs-se que sozinho, o corpo era capaz de indicar não somente o gênero, mas também a identidade do indivíduo. Contudo, sabemos hoje que o processo de tornar-se si mesmo depende de inúmeras variáveis e incontáveis conflitos entre subjetivo e coletivo.

Ao falar sobre a categoria “*homem*” – indivíduo nascido com corpo e gênero masculinos – é preciso voltarmos alguns séculos e compreender que tipo de relação este

homem estabeleceu e vem estabelecendo desde então com si mesmo e com o mundo ao redor, para tornar possível a observação e a análise do nascimento de uma nova masculinidade, agora com traços e exigências da contemporaneidade. Apesar de não ser possível pensar a masculinidade de forma rígida e determinista, ao voltarmos nossos olhares para o homem clássico, pertencente à da sociedade dos séculos VI a IV a.C, nota-se que alguns atributos como coragem, virilidade e capacidade de prover pela família são características que perduram como alicerces da masculinidade desde a antiguidade clássica. (RUBARTH, 2014).

Os primeiros pensadores racionalistas (a partir do século XVII) trouxeram propostas inovadoras para a época, discutindo novas teorias e concepções de mundo e sociedade, tornando-se assim cada vez mais relevantes no pensamento filosófico e social da época. Foi durante esse período que a sociedade passou a questionar e tentar compreender o funcionamento da razão humana. Das inúmeras obras Iluministas, uma das mais relevantes para o fortalecimento da hierarquia de gênero foi *Emilie (On Education)* de Jean-Jacques Rousseau (1792), onde o filósofo questiona a formação educacional de meninos e meninas do século XVIII, se destacando como um dos precursores da noção dos papéis sociais de gênero que se mantem até os dias atuais. Rousseau enfatiza que este primeiro processo de socialização deve ser feito de maneira distinta entre homens e mulheres, justamente por defender que mulheres são cognitivamente inferiores ao serem comparadas aos homens. Rousseau discute os papéis de gênero a partir de um ponto de vista naturalista em relação aos papéis de gênero: para o pensador, a natureza criou o homem, que nasceu para ser livre, e a mulher para casar e cuidar de casa. Não só a filosofia fomentou esse pensamento, como também a Biologia e – mais tarde – a Psicanálise. Freud fundamentou sua teoria na ideia do *Falo* dominante e dominador, que sua presença ou falta determinam todo o desenvolvimento psíquico do sujeito; colocando novamente a mulher como inferior perante a sociedade.

O que se criou então, foi uma distinção biológica entre os sexos, perpetuando uma ideia equivocada de determinismo biológico no imaginário popular, que apenas fortaleceu polaridades, menosprezando enfim a influência do meio nas identidades individuais. Porém, algumas sociedades da época passaram por grandes mudanças estruturais e que causaram grande impacto histórico: a Revolução Industrial e Francesa. Desde então, a mulher passou a participar de um ambiente que ainda não lhe pertencia. O mercado de trabalho, espaço exclusivamente reservado ao público masculino, passou a necessitar da presença feminina. Contemporânea à Revolução Industrial, a Revolução Francesa foi outro

marco histórico e social nas sociedades que até então estavam em processo de desenvolvimento e transformação.

Há aproximadamente duzentos anos atrás, o levante feminino tomou forma durante as reivindicações da sociedade francesa que, incomodada com a pobreza extrema e falta de perspectiva em que viviam, expôs à essa sociedade as verdadeiras angústias e desejos femininos, que até o momento, eram inteiramente determinados por homens. Passados alguns anos, durante a década de 60, com o advento da Pílula Anticoncepcional, essa mulher conquistou uma nova liberdade: a liberdade sexual. Séculos de regras rígidas e repressão começam então a ruir, retirando (parcialmente) das mãos masculinas o poder de tomar decisões reprodutivas ou sobre o corpo feminino. De forma sucinta e um pouco superficial é que, à mulher sempre foi negado o direito de escolha em prol das vontades masculinas que promovem a manutenção da estrutura patriarcal de sociedade e com isso a soberania masculina.

O homem sempre esteve em uma posição de comodidade e privilégio e pouco precisou adaptar-se à exigências sociais, vez que sempre foi o sexo (e gênero) responsável por determinar regras dentro de grande parte das sociedades que conhecemos hoje. Homens vivem guerras, mas são as mulheres as responsáveis pelas revoluções. Nascido dos movimentos feministas, os questionamentos e consequentemente os estudos de gênero são os precursores do estudo do comportamento masculino. Atualmente, é inviável pensar ou estudar uma expressão de gênero específica, sem olhar para seu suposto oposto, muitas vezes visto como complementar. (ARAÚJO, 2005; DA SILVA E MACEDO, 2012; CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). Dentre os pilares que sustentam a permanência do *homem* em seu intocável trono é, sem dúvida, a composição ideológica que se fez em volta do comportamento masculino.

De acordo com Connell (1993-1995), a ideia de masculinidade engloba um conjunto de atitudes que são sim pré-determinadas, mas ao mesmo tempo, adaptativas. E ainda segundo ele, não existe uma masculinidade única, mas sim, algumas características que determinam o que será ou não considerado masculino, mas cada indivíduo é responsável por aceitar ou recusar tais características, de acordo com o meio que está inserido. A masculinidade é então, um conjunto de práticas sociais exercidas por corpos masculinos. “Múltiplas Masculinidades” (CONNELL, 1995) é como a socióloga definiu as relações de poder e hierarquia que se intercalam entre “masculinidade hegemônica” e “outras formas de

ser homem”. Simplificando, a masculinidade seria uma mistura de contextos históricos e sociais, como um conjunto de atributos que significam o masculino (Beiras et Al., 2007). Masculinidade não é um construto fixo, mas sim um conjunto de fatores históricos, culturais, que mudam no tempo e espaço (CONNELL, 1995). Outros autores também dissertaram sobre o assunto, e definem a masculinidade como equivalente a um “homem branco, ocidental, de classe dominante, provedor, heterossexual, forte e viril” (KIMMEL, 1997; VALE DE ALMEIDA, 1995 apud Souza). Segundo estes autores, este modelo de masculinidade é perpetuado socialmente por meio de conteúdos midiáticos e objetos do cotidiano: comerciais, brinquedos, filmes, desenhos animados, revistas, que acabariam por reforçar a busca do jovem para fazer parte deste ideal, mesmo nem sempre estando adaptado a ele. (BEIRAS ET AL, 2007). Oliveira (2008, p.175) define a masculinidade como um “lugar simbólico, necessário para a subjetivação, conectada à identidade, estruturada a partir de um conjunto de valores e comportamentos sancionados pela sociedade.” (SOUZA, BIANCO E JUNQUILHO, 2015).

Nem todo homem se sente legitimado como homem pelas condutas exigidas pela masculinidade hegemônica do contexto em que está inserido; a masculinidade pode ser apresentada e vivenciada de diversas maneiras. (CONNELL, 1995; BEIRAS ET AL, 2007). Welzer-Lang (2001) em seu artigo “A Construção do Masculino: dominação das mulheres e homofobia”, a masculinidade vem sendo mantida à custa de um grande sofrimento psíquico para população masculina, resultando em um maior grau de agressividade para com o diferente: mulheres, homens gays, e pessoas transexuais sofrem diretamente as consequências das limitações impostas ao homem pelo próprio homem. Existem diversas variáveis que constituem a ideia que define aquilo que é considerado masculino: a presença da mulher, as formações grupais, a estrutura corporal, o mercado de trabalho e a economia são alguns exemplos que atingem diretamente as regras de conduta e comportamento masculinas.

Outra questão importante é o que Butler (1990, 1993) nomeou “Performatividade de Gênero”. Em sua teoria, Butler nos traz uma nova forma de compreender a relação entre corpo, gênero e comportamento. Para a autora, a noção de performatividade é trabalhada no âmbito social, de forma que masculinidades e feminilidades são construídas a partir das experiências da vida cotidiana, que tanto podem ampliar quanto limitar a experiência de determinado corpo ou gênero. (BUTLER, 1993; GRAÇA, 2016). Entretanto, Connell (2005) defende que a masculinidade é construída pelo sujeito a partir de um processo de identificação e diferenciação para com aquilo que a ele é mostrado ou imposto (BEIRAS ET AL.,2007), o que nos remete à Gilmore (1990), que escreveu que a

identidade de gênero do homem está, na maior parte das vezes, ligada à uma diversas formas de hierarquizar e relativizar masculinidades, mesmo que de forma simbólica, dependendo de variáveis como sociedade, uso do corpo, comportamento, entre outras. (GASTALDO E BRAGA, 2011).

Na Antropologia, pesquisas etnográficas demonstram que essa hierarquia gera no comportamento masculino (principalmente do homem adulto), uma necessidade de disputar o pódio de “macho alfa”, para assim adicionar ao “ranking de masculinidade” do seu grupo social, uma medalha pessoal: eu venci, eu sou “o cara”. Para alguns autores a competitividade masculina abre espaço, inclusive, para que se possamos investigar quais são os valores vigentes do ‘ser homem’ em determinada sociedade ou contexto social. (GASTALDO E BRAGA, 2011). Para Huizinga (1971), o que importa para o homem é se ver íntegro (e ter sua integridade reconhecida) perante outros homens e, caso essa dignidade seja posta a prova, é “dever” deste homem defendê-la de forma viril, impetuosa e, de preferência, efetiva. Tudo isso nada mais é do que uma tentativa deste indivíduo de se manter no topo da pirâmide hierárquica, comprovando para si e para os outros, que é portador do ‘*indispensável*’ vigor físico e portanto, é homem de verdade. Gagnon (1981) salienta que é por meio do uso do corpo e de sua força que o homem não só cria, como mantém relações de poder com outros homens. (GASTALDO E BRAGA, 2011)

O CORPO MASCULINO

O corpo é um *locus* privilegiado, que atua e exerce um determinado controle social, e em contrapartida, a sociedade marca o indivíduo com suas leis e regras, assim como defendeu Foucault (1980). Um corpo é formado não só de pele e osso, mas de discursos sociais, como por exemplo a valorização de algumas partes em detrimento de outras, elogios ou ofensas, e por conhecimentos que se acumularam acerca do ser humano, por meio da biologia, da antropologia, ou do feminismo. Sintetizando o corpo é resultado de diversas interações entre indivíduo e sociedade. (GASTALDO E BRAGA, 2007). Contudo, não são muitas as pesquisas acerca da corporeidade masculina; este é um campo ainda pouco explorado e com diversos conflitos. (BEIRAS ET AL, 2007).

Podemos considerar a imagem corporal como uma constante transformação da constituição psíquica do sujeito, definida a partir do corpo físico, combinada a um conjunto de símbolos e significações obtidas em âmbito social. (MCKAY, MIKOSZA, HUTCHINS, 2005; BEIRAS ET AL, 2007). A própria forma de qualificar o masculino se alterou, houve um tempo em que para ser homem era preciso ter o corpo e rosto coberto de pelos, uma vez que simbolizavam maturidade e virilidade, enquanto atualmente, grande parte do que se considera estética masculina se constitui em torno de um corpo e musculoso” (BEIRAS ET AL, 2007). Mais curioso ainda é a relação que Gagnon (1981, p. 142-143) descreveu como um “intercâmbio simbólico entre força física e coragem física e força moral e coragem moral”, mostrando assim que o elo formado entre corpo e subjetividade entre os homens, é de extrema importância. (GASTALDO E BRAGA, 2011). Klein (1993, p.34) reitera e enfatiza ainda mais a importância da relação entre símbolo e sujeito. Para o autor, a masculinidade é composta de signos e as respostas emitidas pelos indivíduos em relação a esses signos, um exemplo disto é a ideia de que só é considerado homem (não necessariamente um “homem masculino”) aquele que possui um pênis e uma musculatura masculina. Entretanto, nem sempre é possível exibir ou comprovar publicamente a posse de um falo físico e nem todo homem nasce ou é capaz de ter o corpo musculoso, neste caso, o sujeito que necessita comprovar sua masculinidade, e não possui os atributos físicos para tal, opta por vias alternativas que possuem o mesmo peso simbólico: exibe troféus, carros, salários astronômicos ou qualquer outra coisa que *simbolize* sua virilidade. (GASTALDO E BRAGA, 2011).

Igualmente importante é compreender que essa necessidade de comprovação de masculinidade por meio do corpo físico é resultado de uma construção histórica. O corpo viril, musculoso, forte, disseminado em meios de comunicação por peças publicitárias, livros, revistas e até mesmo histórias em quadrinhos, tornou-se um referencial de corpo masculino. (BEIRAS ET AL, 2007; RIBEIRO E SIQUEIRA, 2007). No entanto, conforme citado anteriormente, nem sempre o ideal de corpo masculino foi este que conhecemos hoje isso porque a relação entre constituição física e o construto de masculinidade se altera com o passar dos anos. (GOMES, NASCIMENTO E ARAÚJO, 2007; FERNANDES E GARCIA, 2010). Beiras et al. (2007) demonstram a influência da *cultura pop* e dos personagens de histórias em quadrinhos na relação do homem (principalmente os mais jovens) com a representação de corpo masculino ilustradas e apontam que, ao se tratar do herói, o corpo é

representado em sua forma mais viril, forte, inabalável. Já quando o retratado era um vilão ou um coadjuvante, os corpos surgiam frágeis, estranhos, sem poder. (BEIRAS ET AL, 2007).

Sendo o masculino sinônimo de viril (BOURDIEU, 1930), virilidade esta que “se comprova” por meio de uma estrutural corporal forte, máscula e infalível, não é permitido ao homem adoecer. Faz parte da cultura androcêntrica glorificar a invulnerabilidade: ser homem é, para a grande maioria da sociedade, ser invencível. Essa *sensação* de invencibilidade, acaba por colocar a população masculina em situações vulnerabilidade, justamente porque estes indivíduos se colocam em incontáveis situações de risco, como por exemplo abusar de drogas ou cometer atos violentos contra si ou contra o outro. Nesta missão interminável de se provar (ou se tornar) imbatível, o homem deixa de verbalizar suas angústias e necessidades relacionadas à própria saúde, afinal, mostrar-se fraco é o mesmo que ser *feminilizado* - e *ser feminilizado* é um dos maiores medos do homem contemporâneo. (GOMES, NASCIMENTO E ARAÚJO, 2007; FIGUEIREDO, 2005; FERNANDES E GARCIA, 2010)

Lembremos que não podemos culpar a história ou a cultura por absolutamente tudo que acontece com o indivíduo. Um estudo realizado com homens que sofrem de disfunções eréteis demonstra que, na verdade, muitos homens ainda vivem o que os autores chamam de “conflitos primitivos velados por defesas cristalizadas” (GRASSI E PEREIRA, 2001). A dificuldade masculina de entrar em contato com as próprias emoções complexifica a compreensão dos sintomas de forma ampla. Além disso, como discutido anteriormente, o conceito de *fraqueza* não faz parte das características consideradas masculinas, portanto, “impotência” é algo que, na cultura heterocêntrica, é associada à homossexualidade masculina. Grassi e Pereira (2001) apontam que a grande maioria das queixas de disfunções eréteis são feitas por jovens saudáveis; ou seja, é possível associar o sintoma “impotência” às angústias de primeira infância ou desejos velados ou reprimidos. O homem que se vê frente à uma necessidade de se auto intitular “impotente” coloca automaticamente sua masculinidade – construída de forma tão árdua – a prova. Não só seu corpo perde o *status* de macho, como sua identidade masculina é questionada. O que antes era sustentado por uma ereção, agora precisa ser deslocado para outro signo, órgão ou objeto. “O pênis não funcionar como deveria é justamente uma forma de se dizer sobre uma angústia” (GRASSI E PEREIRA, 2001).

Conforme citado acima, de acordo com as normas contemporâneas, é a presença de uma musculatura desenvolvida e vigor físico que garante o título de “macho” ao homem.

(GLASSNER, 1989). Todavia, tudo aquilo que está vivo, envelhece, perde a força e o vigor, inclusive pessoas do sexo (e gênero) masculino. Homens que chegaram à terceira idade costumam dispensar o título e rejeitam completamente pertencer ao grupo dos *velhos* (FERNANDES E GARCIA, 2010) portanto, também não é permitido ao homem envelhecer. A necessidade de satisfazer os desejos da parceira – comprovando assim sua virilidade – acabam causar neste homem uma busca incansável por soluções, nos levando a pensar que o cuidado com o corpo só é permitido ao homem se for necessário manter (ou renovar) a virilidade; mas lhe é negado cuidar de suas falhas ou fraquezas. A velhice restringe a vida do homem, justamente porque restringe seu corpo. O que incomoda, no fundo, não é o cabelo branco ou a pele flácida, o que aborrece esses homens é perder sua potência física, sexual ou seu status. (FERNANDES E GARCIA, 2010).

O HOMEM PROVEDOR

O trabalho que estrutura e limita o ser

Não surpreende o fato de um homem chegar à terceira idade e se incomodar com a perda do vigor físico, vez que perde-se a capacidade de “controlar autonomamente as condições de sua existência” (Souza, 2010). Uma das associações mais tradicionais feitas entre masculinidade e comportamento é a função de provedor que um homem precisa assumir caso queira ser considerado homem de verdade aos olhos da sociedade. Existe uma relação estreita entre noções de poder, trabalho e *status* dentro do universo masculino; do homem é esperada capacidade (as vezes quase que divina) de estar sempre pronto para fornecer à família os recursos necessários para a vida, mesmo que isso coloque sua saúde física ou mental em risco. (FERNANDES e GARCIA, 2010) . Sendo assim, também fica proibido ao homem falhar. De acordo com Ekenstam, Hohansson e Kousmanen (2001) o medo da falha coloca o homem num medo constante de ser visto como “menos homem” (SOUZA, BIANCO E JUNQUILHO, 2014). O ambiente de trabalho abre espaço para diversos tipos de manifestações de masculinidade. Para Collinson e Hearn (2004), existem múltiplas masculinidades e gêneros masculinos, manifestados no local de trabalho, fortalecendo mais uma vez a ideia de que gênero não está atrelado à biologia, mas sim a uma condição

performática, assim como defendeu Butler (1993) e Mathieu (2004). (SOUZA, BIANCO E JUNQUILHO, 2015).

O trabalho (como força produtiva) base às masculinidades contemporâneas, trazendo ao homem uma ideia de status e poder atrelados a ele. (MORRELL E SWART, 2004). Medeiros e Valadão (2009) mostram, inclusive, como se dão as relações entre masculino e feminino nas organizações, que priorizam homens ao invés de mulheres para cargos mais importantes. (Souza, Bianco e Junquilha, 2015). Alguns estudiosos definiram o estereótipo do engenheiro como o grande representante do ideal de homem contemporâneo: racional, objetivo, e domínio técnico, por exemplo. (SOUZA, BIANCO E JUNQUILHO, 2015). As empresas, fábricas, corporações são ambientes que se organizam de forma a conservar um posição hierárquica, que oferece privilégios para essa parcela da população, deixando mulheres e homens homossexuais, em segundo plano. No entanto, a sociedade contemporânea, diferente dos séculos anteriores, é instável e vive em constantes mudanças e por isso, este homem se vê frente à constantes ressignificações sobre sua posição e papel dentro deste contexto, afinal, o trabalho ainda é uma das variáveis mais importantes na construção identitária de homens, mulheres, porque define, de certa forma, o que é masculino ou feminino e as relações de poder que constituem esses construtos. (SOUZA, BIANCO E JUNQUILHO, 2015).

Porém, estar no cume da pirâmide nem sempre é algo vantajoso. De acordo com Connell (2004), se manter no topo da hierarquia do trabalho tem um alto custo para esses homens, que acabam por parear suas identidades e auto valor com o trabalho e, aquele que por algum motivo se vê impedido de exercer uma profissão ou que nunca conseguiu um trabalho regular compreendido como capacidade de prover financeiramente pela família, deixa de ser percebido por outros homens como “homem de verdade”. Aos olhos dos outros, é como se nunca tivesse amadurecido como homem. É recorrente as discussões nas ciências humanas acerca do papel da economia na vida do indivíduo, conforme visto nas propostas de Bauman e Foucault, e sabemos que de tempos em tempos as sociedades vivenciam crises financeiras, que causam impactos diretos na rotina dos cidadãos e cidadãs de determinado lugar. Estando a masculinidade atrelada historicamente ao trabalho, a economia é uma variável importante na construção da identidade masculina: crises econômicas alteram o cotidiano desses homens, que muitas vezes por perderem seus empregos, precisam passar por uma reconfiguração interna e externa. A economia é uma questão da sobrevivência e a expectativa em relação ao futuro, o que seremos capazes ou não construir em relação às nossas vidas e identidades.

Quando uma sociedade passa por crises de cunho político ou econômico, as relações de gênero sofrem abalos estruturais e consequentemente precisam passar por revisões e ressignificações. (PISCITELLI E SIMONI, 2015).

O CLUBE DO BOLINHA

Amizades que acolhem e violentam.

Uma temática recorrente no cotidiano masculino são as constantes competições que buscam comprovar a efetividade de todo o processo de subjetivação vivido pelos homens. Não adianta apenas ter o corpo viril ou um cargo importante numa grande corporação: para manter a posição de *macho* tão arduamente “conquistada”, é preciso que este homem esteja sempre alerta às competições declaradas (como lutas físicas, por exemplo), ou veladas (disputa de cargo, concorrência profissional). (GASTALDO E BRAGA, 2011). As competições masculinas funcionam como uma espécie de “termômetro” de masculinidade e obviamente recusar desafios ou afrontas não está na cartilha de comportamentos esperados de um homem de verdade; isso tudo porque não é permitido ao homem perder (ou fraquejar, ou desistir). Desde os tempos da Grécia antiga, a coragem é um atributo profundamente associado ao que se espera da população masculina (RUBARTH, 2014). Durante esse período, era praticamente proibido ao homem exibir sinais de medo. Para a sociedade clássica, era mais importante um homem ir à luta e sofrer as mazelas da guerra do que ir ao campo de batalha e, numa tentativa de encerrar o sofrimento, abandonar seu escudo, por exemplo - O homem de verdade era definido por sua capacidade de matar e morrer e isso não era uma característica da vida masculina adulta, pois desde, meninos eram enviados para um treinamento violento e muitas vezes mortal, como uma espécie de “rito de instituição” (BOURDIEU, 1930), para que adquirissem essa tão aclamada coragem antes mesmo de chegarem à adolescência. (RUBARTH, 2014).

Apesar de tudo isso parecer algo arcaico, ainda hoje situações como esta fazem parte do leque de exigências e experiências vividas por essa parcela da sociedade, porém de forma mais sutil e normatizada. Desde cedo o menino é posto a prova perante seus semelhantes do mesmo sexo, numa tentativa de lapidar sua masculinidade que é,

supostamente, inata. Bourdieu (1930) denominou de ritos de instituição todo “ritual” proposto a esses meninos em formação, como forma de encaixar essa criança num construto social do que é ou não ser homem, tirando desses garotos a liberdade de escolha de *que tipo de homem* eles querem se tornar. É importante ressaltar que esses “rituais” acontecem em diversos contextos, ambientes e situações sociais e, na grande maioria dos casos, são iniciados pelos próprios membros da família, não havendo discriminação de faixa etária. Homens mais velhos conduzem o “processo iniciático” que, mais tarde, transformará seus aprendizes em professores e algozes de outros garotos. (WELZER-LANG, 2001).

Durante os primeiros anos de formação é que esse tipo de situação se torna ainda mais nociva. Isso porque é durante essa fase do desenvolvimento que a necessidade de suprir essa cobrança social por afirmação de que “sim, eu sou homem” é ainda maior. (GASTALDO E BRAGA, 2011). O jovem menino ainda não possui um corpo formado, autonomia emocional, músculos definidos e muito menos um cargo importante no mercado de trabalho portanto, a única maneira de comprovar sua masculinidade perante os mais velhos é aceitando participar dos desafios por eles propostos e exibir suas forças, fraquezas perante o grupo para então ser aceito ou excluído por elas. Esse tipo de atitude nada mais é do que uma forma de *violentar psicologicamente* (e fisicamente, em algumas situações) uma criança que se vê em situação de vulnerabilidade, por precisar se provar capaz de coisas que talvez ainda não esteja apto para compreender e realizar, para ser aceito dentro de um grupo. Desde cedo, o homem é privado de uma convivência com o diferente, vez que a partir do momento que esse garoto está pronto para deixar o seio materno, não lhe é mais permitido ser “o garoto da mamãe”: a partir de agora seu ambiente será limitado ao que Welzer-Lang (2001) denomina como “A Casa dos Homens”.

Para o autor, essa nova fase da vida do garoto é caracterizada por uma limitação nos relacionamentos, que se tornam basicamente *homossociais*, isto é, composto *apenas* por outros garotos ou homens mais velhos. Neste ambiente, que se intercalam entre bares, estádios, banheiros masculinos, entre outros espaços, é onde o homem tem contato com as experiências vividas por seus semelhantes, com os jogos de poder e com questões historicamente “proibidas” para ambientes com a presença feminina, como por exemplo a sexualidade masculina. (WELZER-LANG, 2001). É dentro dessas instituições que o homem começa a romper o vínculo com tudo aquilo que não faz parte do mundo masculino, para assim poder aprender comportamentos que condizem com a norma exigida e, conseqüentemente, reproduzir modelos de comportamentos inclusive o sexual, como por

exemplo as formas de se aproximar do objeto de desejo ou até mesmo como expressar esse desejo (WELZER-LANG, 2001; SOUZA, 2010). O *clube do bolinha* ou A Casa dos Homens (WELZER-LANG, 2001) é um momento crucial na vida de todo garoto e mais interessante ainda é perceber que esse processo, assim como a noção de masculinidade, *também* apresenta diversas variáveis como relações de classe, cor e gênero. Homens que nascem em classes sociais mais baixas, como os homens negros, precisam comprovar sua masculinidade de forma muito mais efetiva, uma vez que estão na posição mais baixa da hierarquia masculina, mas, em contrapartida possuem maior liberdade para conhecer e participar de grupos menos homogêneos como os propostos por Welzer-Lang (2001) (SOUZA, 2010; GASTALDO, 2015)

Entretanto, o grande problema destas práticas masculinas não está somente em excluir da vida destes garotos a possibilidade de conviver com o diferente, mas também em ensiná-los que, para que possam ser aceitos dentro de um grupo, ou para que consigam dialogar com semelhantes (e diferentes), precisam aceitar um tipo de interação carregada de agressividade muitas viabilizadas por “brincadeiras” e, como resultado, não conseguem distinguir o que é violência e o que é aceitação, vivendo em uma constante corda bamba entre “amizades hostis” e “desrespeitos consentidos” (RADCLIFFE-BROWN, 1959, P.91; GASTALDO, 2001).

O OUTRO LADO DA MOEDA

Sexualidades, afeto e gênero.

Considerando que a socialização masculina acontece permeada pela violência e competição, separando-os das diferenças e impossibilitando-os de perceber em si qualquer coisa que não faça parte das normas masculinas de comportamento, é notável que devido ao desenvolvimento da masculinidade durante o passar do tempo, o sentir tornou-se proibido ao homem. À população masculina, ficou reservada apenas as posições de conquistadores, reprodutores e provedores sociais e suas sexualidades - ponto chave na formação de sua identidade - e a cobrança que acontece em relação ao desempenho sexual é tão alta, que acabam vivendo em contato constante com o medo de rejeição ou rebaixamento por parte de seus colegas. Em certos casos mais extremos, essa angústia acaba se tornando um sintoma

físico, se apresentando como as vezes como disfunções de ordem sexual (GRASSI E PEREIRA, 2001).

Durante muito tempo, a discussão acerca da sexualidade masculina foi deixada de lado, não por falta de interesse da ciência, mas por uma antiga crença estrutural de que o homem possui um *instinto sexual afluído inato*. Não existe, por exemplo, uma quantidade relevante de estudos que dialogam com a parcela da população heterossexual que não gostam de sexo ou não sentem falta. Uma suposição comum na psicologia, herdada em grande parte das teorias de Freud, é de que o homem possui uma sexualidade expansiva inata, enquanto a mulher é naturalmente reservada e passiva (GUTMANN, 2009). Porém, isso não é uma fato irrefutável. Estudos apontam que comunidades da Indonésia e da Índia, por exemplo, lidam de forma bastante atípica em relação ao comportamento sexual masculino, que não é caracterizado por uma sexualidade desenfreada, mas sim por longos períodos de abstinência (GUTMANN, 2009). Temos hoje uma ideia de que a sexualidade masculina é algo voraz, animal, que se expressa por meio de “atitudes impulsivas e apetites insaciáveis”. No entanto, muitos questionamentos estão sendo levantados pelos estudos feministas acerca desta temática. A Teoria Queer (BUTLER, 1993) por exemplo, dedicou-se a estudar a sexualidade e suas nuances e complexidade (GUTMANN, 2009; GRAÇA, 2016) trazendo a ideia de performatividade de gênero, conforme citado, não temos hoje informações suficientes que analisam a influência da mulher adulta sobre homens adultos; conhecemos as características e efeitos da sexualidade masculina em relações meninos e mulheres adultas, mas pouco se fala da influência da mulher cotidiana (mães, irmãs, esposas, entre outras) na vida desses homens. Essa falta de atenção dada às essas trocas afetivas nos leva a crer que o homem ignora esse tipo de relacionamento. (GUTMANN, 2009). Porém, como também salienta Gutmann (2009), o simples fato da heterossexualidade e a reprodução masculina não terem sido amplamente exploradas pela antropologia e pelas ciências sociais de forma geral demonstra a importância e a urgência em estudar tais temas e suas relações.

Ainda no século XXI acredita-se profundamente em certos clichês sobre a heterossexualidade e a sexualidade masculina num geral. A falta de estudos sobre intimidade masculina é prejudicial para um amplo entendimento sobre o funcionamento deste assunto para os homens (GUTMANN, 2009). Curiosamente a sexualidade feminina se reciclou ao longo dos séculos, mostrando às mulheres que a sexualidade é algo que se adapta às histórias de vida, mas ao se tratar da expressão sexual masculina, o mito de que existe um “destino comportamental” relacionado à essa sexualidade, que permanece no imaginário individual e

coletivo e não é muito questionada na academia, ademais, olhar para a sexualidade masculina como exclusivamente heterossexual gera uma percepção extremamente limitada, uma vez que deixa de fora, por exemplo, sexo entre homens, fortalecendo ainda mais a ideia de que masculinidade é equivalente à homofobia. (KIMMEL, 1994; GUTMANN, 2009).

Existe na sociedade uma estrutura hierárquica não só nos relacionamentos estabelecidos entre homens e mulheres, mas também entre indivíduos do mesmo sexo (e do mesmo gênero). Inclusive, é possível a hierarquia entre masculinidades, que começou a tomar forma a partir da década de 70, quando originou-se o conceito de homofobia (MORIN E GARFINKLE, 1978; CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). A partir daí, a biologia vem buscando incansavelmente encontrar um *gene gay* que seja capaz de “justificar” o comportamento dos que “desviam da norma” social masculina. Muito se tentou explicar o desejo sexual dos homens gays, mas pouco se estudou sobre o desejo sexual do homem heterossexual, justamente por sempre ter sido considerado algo natural e inato.

A psicologia evolucionária e a biologia tentam, por meio de testes hormonais, criar uma noção de homogeneidade sexual entre homens, que no fundo, não existe. Não sabemos por exemplo, qual a relação que se estabelece entre sexualidade masculina e estupro, quais são os motivos ou os contextos, justamente por esse tipo de comportamento ter sido “naturalizado”, vez que encontra na biologia uma forma de justificativa (GUTMANN, 2009). Gallagher e Parrott (2011) sinalizam que “homens que se sentem inseguros ou defensivos em relação à suas relações afetivas com mulheres podem fazer uso de agressão sexual para manter seu senso de poder e controle” (GALLAGHER E PARROTT, 2011).

Durante séculos a sexualidade masculina vem sendo tratada como normativa e inata, abrindo caminho para comportamentos violentos e homofóbicos em relação a um outro que não faz parte da hegemonia vigente (GUTMANN, 2009). Contudo, o que mais surpreende é que os únicos movimentos sociais que encontraram uma coerência entre homens que se identificam como homens (e com a “energia masculina”) se desenrolaram a partir de uma tentativa do grupo homossexual conquistar liberdades e direitos. (GUTMANN, 2009). No fundo, o que mais preocupa em todo esse processo, é que muito desse comportamento sexual é aprendido durante os anos da adolescência. Alguns teóricos defendem que é durante essa fase da vida que a pessoa direciona sua energia para constituir uma identidade (ADAMS, GULOTTA e MONTEMAYOR, 1992; ERIKSON, 1968; WILSON ET AL, 2010). Durante esse período, somos levados a questionar de forma constante quem somos, para que assim

sejamos capazes de saber quem não somos. Pensando por esse lado, o adolescente do sexo masculino vive muitos impasses porque, conforme citado anteriormente, existe uma cobrança que surge dentro da própria comunidade masculina, que enviesa o desenvolvimento sexual desses garotos à uma heterossexualidade muitas vezes compulsória. O conceito contemporâneo de “masculinidade hegemônica”, termo utilizado por Connell (1982) para diferenciar a “masculinidade principal” das “masculinidades outras”, define como “não sendo suficientemente masculinos” os homens que se declaram gays ou bissexuais. Jovens que fazem parte da comunidade LGBTQ+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros e Simpatizantes e mais) veem-se frente a um dilema: precisam negociar entre o que dita a cultura e o que desejam suas subjetividades, vivendo então numa guerra entre adaptar-se no que é determinado pela hegemonia e resistir à ela, num constante conflito interno e externo. (WILSON ET AL, 2010).

Esses homens que, aos olhos de seus semelhantes não são “homens de verdade”, após serem rejeitados pela comunidade masculina heterocentrada, dificilmente encontram compreensão das pessoas ao redor. Família, colegas, professores, entre outras instituições, normalmente não aceitam ou apoiam o desenvolvimento da identidade LGBTQ+ desses jovens (D’AUGELLI E HERSHBERGER, 1993; PILKINGTON E D’AUGELLI, 1995; SAVIN-WILLIAMS, 1995; TELLJOHAN E PRINCE, 1993) que precisam lidar com as violências verbais e/ou físicas – parte do construto de masculinidade – muitas vezes praticadas por amigos da escola ou mesmo pelos membros da própria família. (KIMMEL E MAHLER, 2003; STOUDT, 2006; WILSON ET AL, 2010). Wilson et al (2010) encontram em um estudo de caso realizado por Davidson (2006) nos Estados Unidos, com um jovem latino de 18 anos, demonstrou que para driblar esse tipo de violência, esse garoto dribla a masculinidade hegemônica ao assumir uma maior fluidez comportamental entre o que é considerado masculino e feminino (WILSON ET AL. 2010). Além disso, outros autores apontam, que na tentativa de se adaptar à hegemonia, homens gays ou bissexuais tendem a tentar compensar a “falta” cometida via uma amplificação de características consideradas masculinas, como por exemplo ter diversos parceiros sexuais ou um corpo extremamente másculo. (DIAZ, 1998; LEVINE, 1998; WOLFE, 2003; KIMMEL E MAHALIK, 2005; FELLOWS, 1996; WILSON ET AL. 2010).

Segundo Wilson et al (2010), Heasley (2005) estudou diferentes tipologias de expressão da identidade masculina, com homens heterossexuais que não se identificam com o ideal normativo de masculinidade, e descobriu que esses homens criam adaptações para essas

identidades, muitas vezes às intitulado “*queer*” – que, segundo Butler (1993), caracteriza uma identidade de gênero versátil, não definida por normas sociais (Butler, 1993), resistindo assim às exigências da sociedade. No entanto, ainda nos faltam dados que sejam capazes de compreender de que maneira esses homens negociam e intermediam seus conceitos de individualidade e masculinidade com o que é esperado pela comunidade masculina (e feminina) (WILSON ET AL, 2010). Uma outra situação que traz a necessidade de elaboração de um conflito identitário é referente aos homens transexuais (pessoas que nasceram anatomicamente mulheres, mas sua identidade de gênero é masculina). Conforme apontam Rubin (2003) e Namaste (2000), esses homens não necessariamente fogem da regra hegemônica, vez que são “Homens feitos por si próprios”, é permitido a eles tanto tentarem adaptar-se às normas masculinas, quanto fugir à regra. (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013)

Por fim, é importante ressaltar que gênero é uma construção social que estabelece uma relação entre “nós” e “eles(as)” desta forma, é possível dizer que, o que é definido como masculino e consequentemente constitui os padrões de masculinidade são definidos a partir da negação do que é considerado feminino. O que a sociedade concebe como masculinidade hegemônica, no fundo nada mais é do que uma forma de tentar solucionar os conflitos gerados entre gêneros, numa tentativa de manter (ou reconstituir) o poder patriarcal. (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013)

ENCRUZILHADAS AFETIVAS

Relações entre gêneros e identidades nascidas do conflito.

Igualmente curiosas são as formas de interação que se estabelecem entre homens e mulheres heterossexuais. O conceito de masculinidade hegemônica, apesar de importante para a comunidade masculina, não é uma regra estatística. É mais provável que somente uma minoria consiga de fato fazer parte dessa hegemonia mas mesmo assim, isso não altera o fato de existir uma norma que exige um posicionamento de todos os homens em torno dela. Um

posicionamento comum para a grande parte desses homens, é a aceitação e manutenção da ideologia criada em volta da ideia de subordinação feminina (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013).

Apesar de não termos disponíveis muitos estudos sobre a influência da mulher adulto no comportamento do homem adulto, é possível supor que “caso este tema se torne assunto de pesquisas etnográficas, evidências de um certo *medo* masculino em relação à mulheres pode surgir em forma de temor, acanhamento ou desrespeito com a sexualidade feminina” (GUTMANN, 2009). Em estudos realizados, via coleta de dados das histórias de vida de mulheres, foi possível verificar que a mulher adulta exerce um papel fundamental no desenvolvimento e na construção de identidades masculinas, ao participarem de suas vidas como mães, colegas de classe, namoradas ou parceiras sexuais. (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). Brod (1994) notou que existe uma tendência em pesquisas relacionadas ao universo masculino de observar a realidade dos homens a partir de “esferas separadas”, como se o feminino fosse suficientemente relevante, mantendo o assunto limitado ao olhar do homem ou seja, novamente aqui, na ciência, voltamos à Casa dos Homens (WELZER-LANG, 2001; CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013).

Grande parte das pesquisas realizadas a respeito do relacionamento sexual e afetivo entre homens e mulheres adultas transitam por espaços caracterizados pela violência conjugal e pelas relações hierárquicas de gênero; alguns apontam inclusive que o comportamento agressivo do homem contra a mulher começa a tomar forma logo nos primeiros anos da infância e da adolescência (CECCHETTO ET AL, 2016) exatamente quando o garoto é posto a prova de inúmeras maneiras, e sofre incontáveis violências de seus colegas e familiares do sexo masculino. (WELZER-LANG, 2001). A traição feminina surge como um fator agravante para o comportamento violento do homem contra a mulher; dado este que não surpreende, vez que a honra ou o poder são pilares centrais da masculinidade. Alguns jovens do sexo masculino são incapazes de perceber os impactos emocionais causados nas parceiras que sofrem qualquer tipo de violência – psicológica e/ou física – no relacionamento e, por mais que a agressão seja algo mal visto entre alguns desses jovens, ainda existe uma percepção de que a culpa do descontrole masculino é da mulher. O adultério é a única atitude feminina que, para os homens, a violência é justificável mas que, por outro lado, é onde o homem se vê num impasse, já que aqui sua imagem de homem viril pode ser substituída pela de *cornio* (CECCHETTO ET AL, 2016), o que pode levantar a hipótese de ideia de um

homem incapaz de satisfazer uma mulher “insaciável”, conflitante com o ideal de masculinidade.

Embora ainda seja inaceitável para o homem que a mulher tenha qualquer tipo de comportamento sexual promíscuo, que surge talvez uma forma de controle do desejo sexual feminino, visto que para algumas mulheres (prostitutas, por exemplo) é aceitável, enquanto para outras não (COROSSACZ, 2014), entre a população masculina não só é aceito como é comum que o homem encontre meios de satisfação de seu desejo sexual em contextos extraconjugais. Apesar de existirem poucos estudos sobre homens que procuram por prostitutas (GUTMANN, 2009), no estudo realizado por De Castro e Silva (2010), que analisou o comportamento de homens que procuram *fast sex*, apontou diversas situações controversas que surgem nestes encontros sexuais (e afetivos!) entre homens e garotas de programa. Em um livro publicado por Katherine Frank (2003), a autora conta a vida de homens que gastam uma alta quantia de dinheiro para não ter nenhum contato sexual com garotas de programa, eles buscam apenas contemplar, tê-las como companhia, isso porque nesses ambientes – muitas vezes compostos apenas de homens e *strippers* - o homem se sente seguro para demonstrar suas impotências emocionais, sem precisar por em risco sua autoridade ou masculinidade. Aqui, podemos levantar outra hipótese, questionando agora se essa simples contemplação é suficiente para realizar o desejo masculino, ou talvez esse tipo de relacionamento seja visto como menos ameaçador. (FRANK, 2003; DE CASTRO E SILVA, 2010)

Interessantemente, esse tipo de conduta masculina acaba por criar todo um universo semântico permeado por expressões como “descarregar a tensão” ou “ir para o abate” como forma de nomear o ato, demonstrando que, de certa forma, existe um distanciamento entre ele e a mulher com quem está se relacionando afinal, “só abatemos algo (ou alguém) com quem não temos ou não pretendemos ter nenhum tipo de laço afetivo, mas sim uma relação de poder”. No entanto, apesar de serem termos usados de forma recorrente em conversas masculinas, não é recomendado olhar para esse tipo de comportamento como algo generalizado. Alguns homens só conseguem alcançar a satisfação sexual se a mulher está emocionalmente disponível - para esses homens, a falta de elo emocional é entendido como indiferença às suas expectativas, mostrando que talvez esse elo traz menos medo de rejeição, uma vez que essas mulheres são vistas como um objeto comprado por eles. (DE CASTRO E SILVA, 2010)

As fantasias sexuais masculinas são vividas, em grande parte, fora de casa. Porém, em um estudo realizado por Corossacz (2014) com homens brasileiros, constatou-se que dentro do ambiente doméstico – predominantemente feminino – o homem também encontra meios de reafirmar sua masculinidade. Para homens pertencentes à classes sociais mais elevadas, por exemplo, a figura da empregada doméstica substitui a garota de programa, vez que permite que esses indivíduos “produzam e confirmem uma posição de superioridade que é ao mesmo tempo social, de gênero e cor”, ao terem relações sexuais com essas mulheres. O que Corossacz (2014) encontrou é ainda mais surpreendente: esse tipo de comportamento é, de acordo com a fala dos entrevistados, tolerado e incentivado pelos homens da família, e percebido como um rito de passagem pela comunidade masculina há décadas. Isso acontece porque, de acordo com a autora, no imaginário destes homens, a relação de desigualdade que se estabelece é tão grande que essas mulheres são vistas como um “objeto” o qual o “dono” tem total direito de apropriação (COROSSACZ, 2014).

Apesar disso, esses mesmos entrevistados apontaram que esse tipo de comportamento é socialmente difundido como normal. Hoje em dia, existem poucos estudos que abrangem o tema “abuso sexual” de forma significativa e profunda. De acordo com Corossacz (2014), uma hipótese é de que a ausência de interesse acerca desta temática é resultado de uma violência de gênero já há tempos naturalizada no imaginário social. Porém, graças ao posicionamento dessas mulheres, integrantes das minorias sociais e dos movimentos feministas, que esse assunto começou a ser discutido. (COROSSACZ, 2014). Porém, o mais interessante de se pensar é que, apesar destes homens objetificarem a mulher ou desdenharem da presença feminina (DE CASTRO E SILVA, 2010), é por meio do contato com o mundo feminino do qual se afastaram, que virilidade e masculinidade são reafirmadas (GRASSI E PEREIRA, 2001).

O SEMI-DEUS

Falhas, drogas, suicídio, violência

Pois bem, até aqui, vimos que os ideais que caracterizam o comportamento masculino são amplamente fundamentados na ideia de indestrutibilidade e uma coisa é certa:

ninguém é indestrutível - mas, mesmo assim, não é permitido ao homem ter medo. Aos homens não é permitido demonstrar nenhum tipo de reação emocional, a não ser que expressem força ou virilidade, tanto em espaços públicos quanto privados. Desde cedo é ensinado aos meninos que para que suas identidades sejam acolhidas por seus veteranos, devem aprender a reprimir seus sentimentos e emoções, uma vez que, por serem parte constituinte do universo feminino, representam sinais de fragilidade e como discutido anteriormente, nada do que é feminino deve constituir a identidade de um “cabra macho”. (DE CASTRO E SILVA, 2010).

Estudos que abordaram a violência de gênero constataam que as agressões direcionadas à população feminina são nada mais, que reflexos do processo de socialização ao qual os homens são submetidos. Durante seu desenvolvimento, o menino é ensinado a reprimir suas emoções e a única forma possível de expressão emocional aceita dentro da Casa dos Homens (WELZER-LANG, 2001) é a raiva (ACOSTA, 2003). Assim como apontou Welzer-Lang (2001) e De Castro e Silva (2010), o que é ensinado em ambientes homossociais permeiam assuntos que estão relacionados à castração (“homem não chora!”) ou reforçamento de comportamentos normatizados socialmente como masculinos (“isso é coisa de macho!”) (DE CASTRO E SILVA, 2010). É essencial lembrar que estes ambientes não se restringem à infância ou adolescência masculinas, mesmo adulto o homem mantém a prática de participar, quase que exclusivamente, de ambientes homogêneos. Isto porque, mesmo exercendo seu “papel de homem”, existe a necessidade de se distinguir dos “fracos” – homens gays, bissexuais, transexuais, e mulheres – por ameaçarem o *status quo* masculino, servindo assim como reforço para masculinidade e um distanciamento para não sofrer a desconfiança. (WELZER-LANG, 2001; DE CASTRO E SILVA, 2010).

Nestes ambientes, onde se fortalecem e solidificam os alicerces das identidades masculinas, é onde o homem aprende que, para que ele possa ser aceito por outros homens precisa, então, assumir riscos. Parte do que constitui o comportamento masculino contemporâneo se baseia na relação entre prazer e risco, muitas vezes vivido por esses sujeitos via práticas esportivas, relações sexuais desprotegidas e abuso de drogas (lícitas e ilícitas); por fim, a autodestruição acaba por se tornar um modelo ocidental de hipermasculinidade (DE CASTRO E SILVA, 2010). Se juntarmos a impossibilidade de expressar emoções que não sejam agressivas (raiva, ódio), com a necessidade de estar constantemente buscando no outro uma maneira de afirmar a própria identidade masculina, temos um contexto catastrófico: o homem que por motivo perde essa posição de privilégio,

seja por um adoecimento físico, psíquico ou qualquer outro motivo, enfrenta dificuldades de se posicionar entre outros homens (SANTOS, 2009; DE JESUS, 2013). Este tipo de situação causa neste indivíduo uma angústia que, conforme indicam Gallagher e Parrott (2011), tendem a causar sentimentos negativos, como a insegurança ou a baixa autoestima que são aliviados, muitas vezes, por meio de agressões à mulher (GALLAGHER E PARROTT, 2011).

Em geral, a masculinidade hegemônica abre espaço para práticas tóxicas. (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). Nolasco (2001) aponta que o conceito de hipermasculinidade é filho da Psicologia Social e, dentro deste ideal, o comportamento violento constitui a essência do masculino, que se tornou comum entre homens. Para Messerschmidt (2000), esse tipo de resposta é uma maneira que o homem encontra de “compensar” a sensação de falta de poder que se mostram nas situações do cotidiano, quando sua identidade é posta em cheque (BEIRAS ET AL, 2007). As consequências disso são devastadoras para ambos os lados, tanto para a população masculina, quanto para os que não fazem parte dela. Algumas pesquisas em criminologia indicam que existem alguns tipos específicos de comportamento agressivo que estão conectados à masculinidade hegemônica, porém não como uma resposta às exigências masculinas, mas sim como uma tentativa de participar do grupo hegemônico (BUFKIN, 1999; MESSERSCHMIDT, 1997; CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). Homens mais jovens, que estão questionando sua identidade masculina, tendem a contrabalancear seus conflitos com comportamentos de risco como, por exemplo, relações sexuais arriscadas ou desprotegidas, associado à imagem masculina. (WILSON et al, 2010). Teixeira-Filho e Rondini (2012) identificaram que jovens não-heterossexuais apresentam três vezes mais chances de tentarem se matar do que os jovens heterossexuais, e duas vezes mais chances de sofrerem uma violência sexual do que os heterossexuais, enfatizando que esses dados alarmantes são resultado da heteronormatividade vigente, que prejudica a elaboração de uma identidade sexual que não condiz com a norma. (DE JESUS, 2013) .

Na sociedade, a população masculina não somente é responsável por grande parte das violências físicas e sexuais praticadas contra mulheres mas também é a que mais morre vítima de homicídios. (WHO, 2014a) e por isso, é de extrema importância que olhemos para a forma que o se dá a socialização do homem contemporâneo. (BARKER, 2016). No estudo realizado por Lea e Auburn (2001) com um estuprador condenado, demonstrou que os conflitos gerados pela ideologia de gênero, do que é certo ou errado, esperado ou não do

homem, de certa forma, geram uma diminuição na sua responsabilidade e culpa pela violência cometida (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). O envolvimento afetivo e sexual do homem acontece em grupo; amigos familiares, ou outros homens que formam o círculo social do indivíduo podem tanto permitir quanto estabelecer os limites deste envolvimento. De certa forma, como demonstrado por Welzer-Lang (2001), as relações fraternas elaboradas no universo masculino são, para esses homens, um alívio meio à tantas cobranças. Jovens que crescem sem fortes laços de amizade sentem sim um sentimento de solidão, perda e buscam intimidade e confiança. (OTT, 2011).

Muitas vezes, pela incapacidade de estabelecer de laços afetivos satisfatórios, somada à irritações ou frustrações cotidianas, esses indivíduos desenvolvem sintomas depressivos e ansiosos que novamente, resultam em comportamentos auto-agressivos, consequências de atitudes alternativas que utilizam na tentativa de descarregar a tensão acumulada e, uma das maneiras mais rápidas e eficientes que encontram de atenuar este sofrimento é recorrendo ao uso irresponsável de drogas (LOURENÇO, 2001; TAVARES E ALMEIDA, 2010). Ademais, de acordo com Tsirigotis, Gruszczyński e Maniecka-Tsirigotis (2012), comportamentos de risco ou autodestrutivos são recorrentes justamente porque estão intrinsicamente conectados com os aspectos que constituem a masculinidade. Para esses homens, o consumo de entorpecentes é o que muitas vezes desencadeia e viabiliza o comportamento violento, afinal, não nos faltam evidências de crimes onde o consumo de drogas esteve associado. (LARANJEIRA, DUAIBI & PINSKY, 2005; MORAES, 2001; TAVARES, 2008; TAVARES E ALMEIDA, 2010). A relação entre o ato violento, o consumo de drogas e a falta de controle por parte da população masculina tem a incidência de drogas de 13% a 50% das vezes em crime de estupro ou atentado ao pudor (TAVARES E ALMEIDA, 2010).

Para o homem, as drogas e o álcool, assim como o sexo, são válvula de escape. No entanto, o consumo de bebidas alcóolicas aparece na verdade, como uma via de mão dupla, vez que o álcool potencializa as emoções que, por consequência das limitações que ocorrem durante o processo de socialização masculina, em grande parte dos casos, permaneceram em estado “infantil” de desenvolvimento, ou seja, não são plenamente dominadas ou reconhecidas por esses homens. Olhando por este ângulo, é possível prever que o consumo de álcool apenas fortalece sentimentos de desconfiança, ciúmes e consequentemente, induz uma expressão emocional vulcânica e destrutiva. (CECCHETTO ET AL, 2016). Nascimento (2016) apontou que, até mesmo ao consumir bebidas alcoólicas,

parte considerada fundamental na construção da identidade masculina, o homem sofre cobranças externas; isso porque há um limite pouco demarcado entre o que é considerado “masculino” e o que é “vadiagem”, no sentido de perder sua posição de provedor (NASCIMENTO, 2016). Para esta parcela da população masculina estudada pelo autor, a bebida não é só algo que pertence ao ambiente e à vida destes homens como também assume a função de masculinizá-lo (NASCIMENTO, 2016).

Em sua pesquisa etnográfica, Nascimento (2016) adentrou em um ambiente relativamente “proibido” às pessoas que não fazem parte da comunidade masculina: o bar. O pesquisador foi capaz de observar de perto como se dão os relacionamentos estabelecidos dentro de um ambiente tão tipicamente masculino, espaço utilizado para julgar e analisar as recentes experiências vividas por cada um dos integrantes, principalmente envolvendo assuntos como sexualidade masculina e infidelidade feminina. (NASCIMENTO, 2016). Ele notou que, mesmo nestes ambientes em que o homem procura acolhimento por parte de seus semelhantes, são obrigados a lidar com sentimentos e fragilidades negando, e que se tornam mais evidentes depois do consumo do álcool. O espaço público do bar permite que estas pessoas troquem experiências e conheçam outros pontos de vista (ainda masculinos), evidenciando suas assimetrias internas. Ou seja, além de um espaço de diversão e descontração, estes ambientes são utilizados como um “tribunal”, repleto de juízes prontos para condenar qualquer comportamento que não condizem com a hegemonia local. (NASCIMENTO, 2016)

Por muitas vezes não conseguirem resignificar suas identidades tão rigidamente construídas em cima de um ideal de masculinidade, acabam encontrando na bebida ou em outros entorpecentes a única possibilidade de pertencer a algo (NASCIMENTO, 2016). A estes homens resta, às vezes, apenas o fogo cruzado entre as impossibilidades da vida, como o desemprego, a incapacidade de prover pelo lar, a sua expulsão simbólica do ambiente doméstico, o bar surge como uma fuga ou um “local seguro” para viverem ou fortificarem suas identidades livremente. Mas, é claro que as consequências deste comportamento que não são vividas imediatamente, surgem no decorrer da vida destes indivíduos. Fernandes e Garcia (2010) em um estudo realizado com homens na terceira idade evidenciaram que o consumo prolongado de álcool é um dos grandes responsáveis pelas mudanças sofridas e pelo adoecimento de seus corpos (FERNANDES E GARCIA, 2010).

Trabalho e dinheiro também exercem um papel fundamental na composição da masculinidade hegemônica e sua falta gera consequências fatais na vida dos homens. De acordo com Canetto (1997) e Kushner (1993), existe uma antiga relação entre problemas econômicos e o suicídio da população masculina. Honra e vergonha precisam sempre de validação pública e estão de uma certa maneira conectadas ao ato suicida: uma vida vivida sem honra, no universo masculino, não vale a pena ser vivida (SCOURFIELD ET AL, 2010). Em contextos sociais e culturais onde a presença da hegemonia é mais demarcada, os índices de suicídio são ainda mais elevados e, uma das razões é a incapacidade do homem – principalmente os mais velhos – de se adaptarem às mudanças que a vida contemporânea exige. Homens idosos que precisam exercer alguma função considerada feminina sentem-se desvalorizados perante a família e a sociedade (MENEGHEL ET AL, 2010). Num geral, as *tentativas* de suicídio são mais comuns entre mulheres, mas são os homens, quem de fato mais tiram suas vidas: até mesmo em um assunto tão sério como o sofrimento psíquico e suas consequências, os tipos de condutas tomadas por cada indivíduo é pré-determinada por seu gênero (TSIRIGOTIS, GRUSZCZYŃSKI E MANIECKA-TSIRIGOTIS, 2012; ZANELLO, FIUZA E COSTA, 2015)

Curiosamente, problemas nos relacionamentos (como o término de um casamento, por exemplo) fazem parte da outra motivação importante na prática de suicídio da população masculina, contrariando o senso comum, que costuma atribuir à mulher a função de se preocupar com o bom funcionamento de seus relacionamentos. (CANETTO, 1992-1993; KUSHNER, 1993). Até na hora da morte, o homem precisa provar a si e ao outro que é *sujeito homem*, vez que o suicídio bem sucedido fortalece ainda mais a atitude corajosa exigida pelo ideal de “papel de homem” (CANETTO E SAKINOFISKY, 1998). Nestes casos, em que a única saída para o homem é tirar a própria vida, é onde fica evidente a força do julgamento moral no comportamento desses indivíduos (SCOURFIELD ET AL, 2010).

É parte dos atributos masculinos estar “disponível” para ter atitudes que infringem normas e regras sociais e, devido à este fator, é possível prever os resultados desastrosos causados por este tipo de conduta e pensamento. A necessidade de tomar atitudes inconsequentes serve para a população masculina, como um *boom* de prazer e excitação momentâneos, que não necessariamente resolvem o conflito inicial. Em situações que exigem posturas que de alguma forma geram um conflito interno é esperado que, na tentativa de manter a identidade inabalada, estes homens acabam então assumindo formas arriscadas de

resolver ou eliminar o que causa o problema ou a angústia (TSIRIGOTIS, GRUSZCZYŃSKI E MANIECKA-TSIRIGOTIS, 2012).

Essa mesma linha de pensamento, que afirma que o homem deve aceitar todo desafio ou oportunidade de conquistar o sonhado poder, é exatamente o que vulnerabiliza as pessoas, colocando as em contantes ameaças. Isso acontece por um motivo bem simples, o imaginário masculino não permite que o homem flexibilize sua forma de agir ou pensar e consequentemente, se torna incapaz de encontrar outras maneiras de elaborar seus sofrimentos (SCOURFIELD ET AL, 2010). Aqui, somos apresentados ao que Meneghel et al (2010) denominam “masculinidades fraturadas”, conceito esse que se apresenta principalmente na vida dos homens idosos que, já afastados do trabalho ou com o corpo fragilizado, sentem-se inúteis e incapazes de elaborar uma nova identidade frente à essa nova realidade tão dinâmica. O construto de masculinidade hegemônica por si só já explicaria o comportamento de risco apresentado pela população masculina, e a sua necessidade de negar suas fraquezas (GERSCHICK E MILLER, 1994; CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). Collier (1998) enfatiza ainda mais que a conduta masculina hegemônica costuma associar-se majoritariamente à características negativa, e graças à elas, o homem acaba por se tornar um indivíduo saturado por dificuldades emocionais, incapacidade de cuidado (de si e do outro) e uma agressividade super estimulada e destrutiva (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). O lado positivo da masculinidade quase não se divulga fora dos ambientes restritos aos próprios homens, restando à sociedade conviver com pessoas que demonstram suas individualidades pela metade. (WELZER-LANG, 2001; COLLIER, 1998).

NOT ALL MAN

sementes de masculinidades contemporâneas.

Justamente por não ser uma experiência plenamente satisfatória, alguns homens optam por não participar da hegemonia (CONNELL e MESSERSCHMIDT, 2013), dando vida ao que Connell (1995) chama de “Masculinidades de Protesto”. Tais expressões de gênero ditas “marginais”, surgem a partir de uma ponderação das vantagens e desvantagens das normas vigentes. É comum nas “masculinidades de protestos”, principalmente entre

minorias étnicas, socioeconômicas ou até mesmo em mulheres, que percebem a necessidade de adotar aspectos do comportamento masculino para fortalecerem suas identidades, ou presença no mercado de trabalho, por exemplo. Entretanto, este não é único fator que abala os alicerces do comportamento masculino hegemônico; questões políticas, econômicas, territoriais e desenvolvimentistas também remodelam noções do que conhecemos como masculino e feminino (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). Mas, apesar de ter suas limitações, a hegemonia não é estática - uma vez que é possível incorporar à sua estrutura características de diversos outros grupos sociais, desde que condizentes com os interesses masculinos. Entretanto, vale lembrar não é porque a hegemonia está aberta à incorporação de comportamentos das minorias que deixa de oprimi-las, vez que “aceitação e opressão podem sim ocorrer ao mesmo tempo” (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013)

No contexto social, as masculinidades hegemônicas precisam ser analisadas em três diferentes instâncias: local (interações familiares, de trabalho e comunidade), regional (cultura e nação) e global (políticas mundiais, mídia e relações de comércio). A hegemonia regional é a que mais sofre impactos de símbolos e representações culturais da masculinidade propostas por personagens de filmes, atletas profissionais ou políticos, por exemplo (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). Almeida (2000) diz que a hegemonia não é necessariamente a performance mais adequada do “papel masculino” mas sim uma das possíveis formas de ser homem, que acaba por subordinar outras, reafirmando e reforçando relações de poder. No fim das contas, o comportamento hegemônico só é de fato vivido por um pequeno número de homens. (SOUZA, 2010). Moore (2000) defende que o sujeito que se constitui em ideais gendificados (com determinadas experiências pré-determinadas por seu sexo e gênero biológicos) é culturalmente complexa, principalmente se considerarmos que atualmente, uma identidade inflexível é praticamente inviável, já que não dá conta de abranger e adaptar-se a todos os movimentos e discursos vivenciados na sociedade (BEIRAS ET AL, 2007).

Um sujeito com um psiquismo extremamente enrijecido não consegue conciliar sua identidade com as mudanças sociais no decorrer dos anos; mudanças estas que incluem, por exemplo, alterações na estrutura familiar, novas formas de escolarização, mudanças nas políticas e nos espaços urbanos de um determinado local, o crescimento da comunicação de massa, a diversidade de crenças religiosas, o nascimento dos movimentos feministas e as manifestações por mais direitos LGBT+ (BEIRAS ET AL, 2007). Até mesmo a solidez da estrutura social que se constituiu a partir de uma hierarquia de gêneros, pode ser afetada pelas

novas configurações sociais de identidade e comportamento, principalmente das que se originaram de questionamentos femininos. De acordo com Connell e Messerschmidt (2013), homens mais jovens estão começando a reconhecer as alterações ocasionadas pelas novas condutas femininas – e isso é de extrema importância para a atualização do construto da masculinidade uma vez que, de acordo com os mesmos autores, as hegemonias são de certa forma constituídas nas interações que se dão entre homens e mulheres (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). Hoje em dia, conforme observou Bauman (2001), já é possível observar um movimento de rompimento com essa rigidez estrutural, na qual ele chamou de Modernidade Líquida o período sócio histórico em que vivemos. Para o sociólogo e filósofo polonês, as fronteiras sociais que demarcavam o limite de certos assuntos estão sendo derrubadas, provocando uma angústia coletiva e uma sociedade sobrecarregada por questionamentos e problematizações e segundo o pensador, é neste cenário que brotam as primeiras sementes de uma Nova Masculinidade, bem como uma nova demarcação de novos espaços nos quais o homem pode pertencer (SOUZA, BIANCO E JUNQUILHO, 2015). Mees (2005) enfatiza que antigamente, a vida do homem era feita de certezas – o indivíduo conhecia e entendia muito bem qual era seu espaço e lugar de fala – e defende que, o que garantia até então a segurança das hegemonias masculinas era justamente essa estabilidade social, que não existe mais (BAUMAN, 2001; MESS, 2005; SOUZA, BIANCO E JUNQUILHO, 2015).

Na prática, as identidades de gênero são extremamente delicadas porque necessitam se reciclar constantemente, de modo que acompanhem o fluxo das mudanças sociais. Acontece que, ao comparar as identidades masculinas e femininas, Knights e Tullberg (2011) salientam que no caso das identidades masculinas, essas fragilidades são outras, graças às consequências das expectativas sociais sobre o que é ser homem. Grande parte das crises de identidade masculina vividas na contemporaneidade, são resultado dos altos índices de desemprego vistos em alguns países e uma maior participação feminina no mercado, por exemplo, causando neste homem “tradicional e hegemônico” o desmoronamento das estruturas de identidade antes fundamentadas. (SOUZA, BIANCO E JUNQUILHO, 2015).

O que vemos hoje é um momento em que estes homens estão repensando (e lentamente reestruturando) suas identidades masculinas. Apesar de possuírem mais liberdade de ação que as mulheres, esta liberdade masculina é “vvida sob rígidos parâmetros” (TORRÃO FILHO, 2005), que provavelmente hoje se encontram mais fragilizados. O feminino sempre foi uma ameaça para o homem, exatamente por representar o seu tão temido

oposto, no entanto, na contemporaneidade vemos cada vez mais um deslocamento de papéis tradicionais em que a mulher, por exemplo, está cada vez mais presente dentro da sociedade, trazendo para este homem tradicional uma necessidade de rever sua própria posição e papel dentro da máquina social e do ambiente familiar. A hegemonia é constituída de tal maneira que nem sempre condiz com a realidade de vida da população masculina num geral, servindo mais como uma representação de um ideal de como se comportar ou do que desejar, amplamente difundidos ainda, em uma determinada parcela da sociedade. Para Connell e Messerschmidt (2013), o que se define como hegemônico nada mais é do que a forma que esses homens encontraram de solucionar os entraves que se dão nas relações de gênero. (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013)

Ainda de acordo com Connell e Messerschmidt (2013), acentuo que não é só da cultura ou das relações hierárquicas que os padrões hegemônicos de masculinidade se originam; práticas discursivas, mercado de trabalho, ambiente doméstico, e formas de violência, expressão sexual, cuidado parental, entre outras situações do cotidiano também são responsáveis por não só definir, como manter as normas comportamentais. (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013).

Atualmente, nas sociedades ocidentais, tanto o homem quanto a mulher gozam de maior liberdade para exercer suas individualidades, inclusive, uma das grandes mudanças que ocorreram nas últimas décadas referentes à masculinidade foi uma maior aceitação da – tão rejeitada – homossexualidade, consequência das “revoluções sexuais” trazidas pelos movimentos feministas e LGBTQ+ (GIDDENS, 1993; RIBEIRO E SIQUEIRA, 2007). A partir destes momentos históricos, os papéis tradicionais de homem e mulher começaram a se deslocar e abrir espaço para que uma nova identidade desabroche, mais coerente com os acontecimentos sociais. (RIBEIRO E SIQUEIRA, 2007). Cunha, Rebello e Gomes (2012) identificam o surgimento de tensões identitárias que começaram a surgir após se tornarem reconhecidas novas formas de expressão sexual, causando uma necessidade de manutenção da hegemonia vigente. No entanto, esses homens considerados minorias perante os outros homens, são também responsáveis por catalisar mudanças nas relações interpessoais, a nível global (Castells, 1996), afinal, conforme sugere Torrão Filho (2005), “a homossexualidade masculina é parte constitutiva da masculinidade” (TORRÃO FILHO, 2005). A partir do momento em que este homem se depara com o conflito interno que é gerado pela diversidade de comportamentos sexuais, passa então a questionar o seu próprio eu. Ainda citando Torrão Filho (2005), é essencial que este homem heterossexual, integrante do grupo hegemônico

“olhe para a homossexualidade não como um problema em si para a história, mas sim a sua própria repressão” (TORRÃO FILHO, 2005)

Connell e Messerschmidt (2013) enfatizam que, as práticas que constituem o que cada sociedade chama de masculinidade são pautadas em contradições internas, consequências da necessidade de ponderar desejos ou emoções contraditórias ou as relações de custo-benefício que se estabelecem a partir do momento em que o homem decide adotar determinada estratégia de gênero – ou característica hegemônica – à sua própria subjetividade. (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). A própria contemporaneidade complexificou o processo de significação, uma vez que proporciona um leque amplo de possibilidades e signos que podem ou não ser agregados à identidade do sujeito (RIBEIRO E SIQUEIRA, 2007). Um exemplo interessante, que retrata o surgimento deste conflito na vida do homem é ilustrado por Ott (2011), que identifica em jovens adolescentes do sexo masculino, uma nova forma de compreender a intimidade, diferente das hegemonias atuais. A autora reconhece que mesmo que sintam a pressão das normas masculinas, existe para esses jovens um ímpeto maior de estabelecer conexões emocionais reais com as pessoas com quem se relacionam (OTT, 2011). Neste estudo, que examina a saúde sexual de jovens do sexo masculino dos Estados Unidos, é possível notar também que a antiga sexualidade instintiva e desenfreada, até então normatizada pela tradição, está sendo questionada e rompida por esses jovens que, ao invés de considerarem apenas a oportunidade para a prática sexual, agora priorizam coisas como a curiosidade, o interesse e a preparação para tal, sugerindo uma nova forma de entender a sexualidade masculina que vem nascendo com o passar das gerações, surgidas a partir de uma tensão criada entre novas formas de enxergar a própria individualidade *versus* antigos padrões de gênero (OTT, 2011).

Uma nova perspectiva comportamental vem surgindo entre os adolescentes do sexo masculino e grande parte dessa Nova Masculinidade tem como base, além da curiosidade, a busca por conexões afetivas mais sólidas e num relacionamento mais igualitário entre homens e mulheres (OTT, 2011). Essa recente necessidade por laços afetivos mais duradouros também aparece em um outro contexto, agora dentro do ambiente doméstico e nas relações parentais. Em um estudo sobre motivações de suicídio da população masculina realizado no Reino Unido, Scourfield et al. (2010) identifica que um número significativo de suicídios consumados entre homens está relacionado com a impossibilidade de participar da criação dos filhos, seja afetiva ou financeiramente, sugerindo assim uma mudança da percepção masculina acerca da importância do papel paterno no desenvolvimento infantil

(SCOURFIELD ET AL, 2010). Ribeiro e Siqueira (2007) propõem que esse Novo Homem vem nascendo graças às diversas outras formas de ser homem difundidas pela mídia contemporânea, seguindo no mesmo caminho que Hall (1997) e Bauman (2005), que afirmam que na realidade em que vivemos, as identidades estão marcadas por constantes deslocamentos relacionados à um tempo ou tradição específica (HALL, 1997) e em que a mídia assume o papel de fonte de informação bruta, que será utilizada pelo espectador como um “guia comportamental” (BAUMAN, 2005; RIBEIRO E SIQUEIRA, 2007), este homem encontra nos veículos midiáticos um “ombro amigo”, uma nova “Casa dos Homens” (WELZER-LANG, 2001), desta vez com inúmeras novas perspectivas e maneiras de elaborar seus desejos, necessidades, decisões e conflitos internos (RIBEIRO E SIQUEIRA, 2007).

Veículos midiáticos e de comunicação vem substituindo cada vez mais os relacionamentos face-a-face que até então serviram como um “termômetro comportamental” para estes homens, que hoje podem buscar referências antes desconhecidas, diferentes das de seus amigos ou familiares, para então tomarem suas decisões ou elaborarem suas identidades (THOMPSON, 2004). O que era então limitado à espaços homossociais, hoje se tornou livre de barreiras referenciais (THOMPSON, 1998, P.46). De acordo com Cunha, Rebello e Gomes (2012), assuntos tratados em âmbito privado, hoje são discutidos em espaços públicos e se considerarmos que não existem identidades que, uma vez estruturadas, não mais se alteram, podemos frisar a importância da linguagem como uma das variáveis que definem o comportamento masculino (e feminino), o que posiciona a mídia não apenas como difusora de mudanças sociais, mas também como uma das fontes que as constituem. Sendo assim, de acordo com Ribeiro e Siqueira (2007) é possível afirmar que este Novo Homem já está sendo desenhado (alguns até construídos) e já pode ser visto nas páginas de revistas e jornais (RIBEIRO E SIQUEIRA, 2007).

Ainda de acordo com os mesmos autores, esse Novo Homem aderiu à masculinidade temáticas como preocupação com a própria estética e o consumo, mesclando em sua identidade comportamentos tradicionalmente associados ao universo feminino. Acontece que, a partir do momento em quem se enunciou uma “Nova Mulher”, mais independente e presente no mercado de trabalho, aproximando-se do universo masculino, o “homem do século XXI” começou a ser gestado pela sociedade e sua principal característica, de acordo com Ribeiro e Siqueira (2007), é uma maior aproximação e afinidade com os símbolos que constituem o feminino, flexibilizando as relações de gênero e sexualidade. Sendo assim, podemos dizer que o que se espera desta Nova Masculinidade é a permissão e a

possibilidade de “expressar livremente sentimentos e afetividade” (RIBEIRO E SIQUEIRA, 2007).

Estudos de gênero surgiram em meados da década de 60, mas foi apenas a partir dos anos 80 que a ciência passou a questionar a relação entre normas sociais relacionadas à masculinidade e a influência exercida no cotidiano familiar e na criação dos filhos. (HENNIGEN & GUARESCHI, 2002; SOUZA E BENETTI, 2009). Ainda hoje, a maior parte da responsabilidade de participar da criação dos filhos pertence à mulher (TUDGE E AT., 2000; SOUZA E BENETTI, 2009) porém, como aponta Cabrera et al. (2000), o ingresso da mulher no mercado de trabalho e a mudança das estruturas familiares são alguns dos aspectos determinantes para o rompimento de certas crenças relacionadas às famílias e suas relações (SOUZA E BENETTI, 2009; NARVAZ & KOLLER, 2006). Como resultado, o homem precisou adicionar à ideia de pai provedor, o envolvimento afetivo com seus filhos. (SOUZA E BENETTI, 2009; BALANCHO, 2004; BRITO, 2005). A mídia também acatou esse “Novo Pai” e passou a divulgá-lo em livros, revistas, filmes e programas televisivos, (WALL E ARNOLD, 2007) tornando possível identificar uma tendência a acrescentar ao papel masculino um relacionamento mais sólido e afetivo com os filhos. (BUSTAMANTE, 2005; GOMES E RESENDE, 2004; SOUZA E BENETTI, 2009). O grande problema é que, conforme apontam Silva e Piccinni (2004) e Souza e Benetti (2009), este discurso acerca da “Nova Paternidade” está presente na ciência, mas não está presente no dia a dia desses homens. Isto porque, como argumentam Souza e Benetti (2009), o que esses homens estão vivendo é um momento de transição entre o modelo patriarcal (o pai provedor) e essa nova maneira – mais afetiva – de ser pai.

No entanto, alguns dos pilares centrais da masculinidade parecem resistir às mudanças sociais e atravessar gerações. Mesmo o novo estereótipo masculino estar mais permeado por comportamentos tradicionalmente femininos, essa Nova Masculinidade ainda não se relaciona por completo e de forma harmônica com a homossexualidade. Ribeiro e Siqueira, 2007. Em uma pesquisa realizada com duas gerações de pais e filhos, apesar da maior aceitação citada anteriormente, existe uma resistência à aderência da homossexualidade como parte do conjunto de normas masculinas, uma vez que mulheres ainda são protagonistas quando se trata de experiências sexuais (CUNHA, REBELLO E GOMES, 2012). Ainda no mesmo estudo foi possível notar também uma resistência que atravessa gerações: tanto nos homens mais velhos, quanto nos mais jovens, pouco mudou quando o tema é saúde e, assim como proposto por Cunha, Rebello e Gomes (2012), podemos levantar a hipótese de que a

virilidade permanece ileso no trono da hegemonia (CUNHA, REBELLO E GOMES, 2012). Ademais, Fontanella e Gomes (2015) identificam uma pequena mudança de conduta das gerações mais jovens em relação à conquista sexual e afetiva: se para a “masculinidade tradicional” a obrigação de conquistar era do homem, hoje esse poder já não está tão centralizado.

Outro pilar que parece permanecer ileso é o comportamento agressivo. Mesmo com estudos que dizem que é preciso muito esforço, sofrimento, humilhação, abuso, e traumas para transformar um homem em um indivíduo verdadeiramente violento, uma pesquisa realizada com jovens brasileiros e latinos do sexo masculino, demonstrou que as competições violentas ainda servem como uma forma de comprovar sua posição de homem (BARKER, 2016). E conforme aponta, Fontanella e Gomes (2015), mesmo depois de todas as conquistas sociais, a mulher (e sua sexualidade) ainda permanecem percebidas como secundárias, subjugadas aos olhos masculinos. Tantas gerações de homens mais velhos quanto mais jovens acreditam na necessidade (e liberdade) de controlar, categorizar e condenar a sexualidade feminina, levantando a hipótese de que talvez, as mulheres ainda são consideradas hostis à masculinidade. (FONTANELLA E GOMES (2015). Vale ressaltar que, além da mídia e das relações interpessoais vivenciadas por estes homens, instituições sociais como trabalho, escola, família, igreja, entre outras, ainda são peças chave para a constituir e perpetuar práticas constituintes da masculinidade. (RIBEIRO E SIQUEIRA, 2007).

METODOLOGIA

A revisão sistemática de literatura realizada neste estudo limitou-se ao período de 2010 a 2017 e utilizou as seguintes bases de dados: SciELO Brasil e PubMed. A SciELO é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros e a PubMed permite acesso de busca de livres à base de dados MEDLINE de citações e resumos de artigos de investigação em biomedicina, oferecido pela Biblioteca Nacional de Medicina dos Estados Unidos.

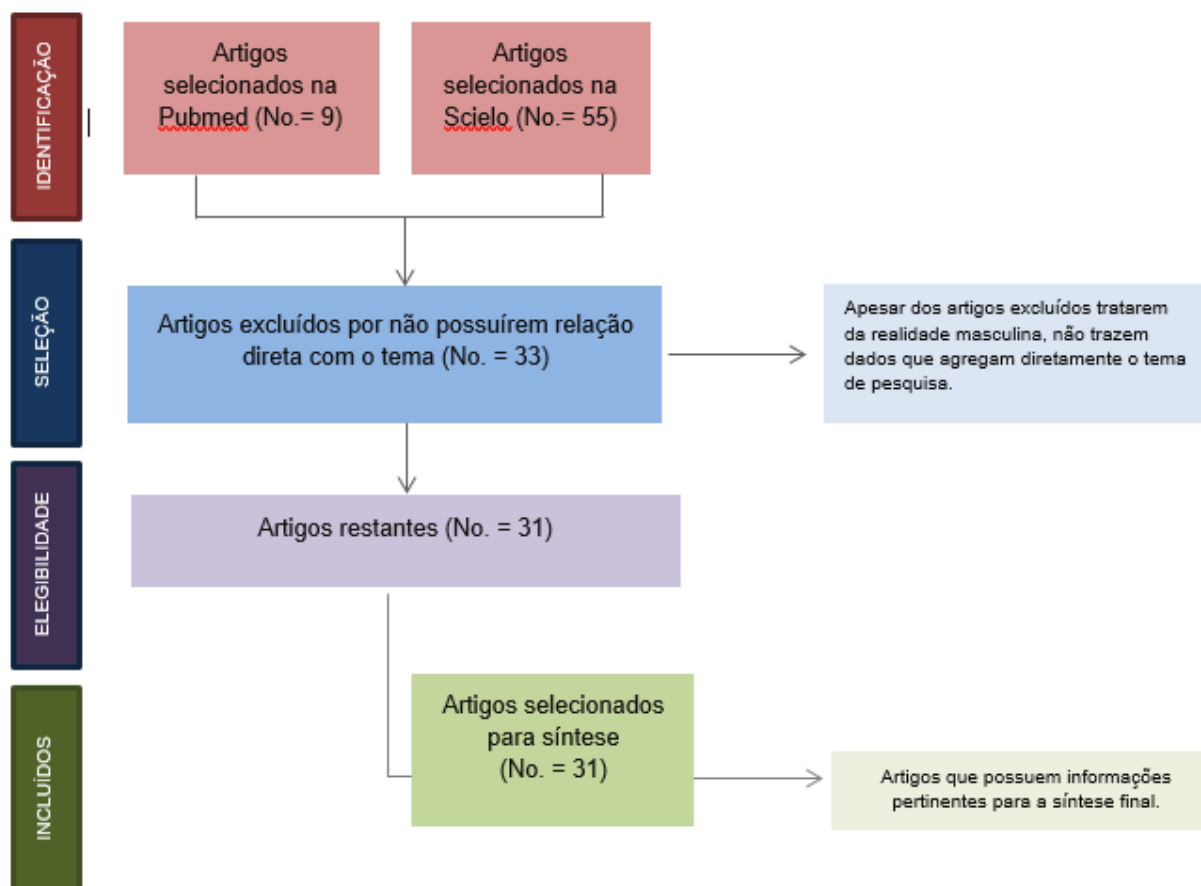
Para a realização da pesquisa foi utilizado o descritor “masculinidade”; “masculinidades”; “crise da masculinidade”; “masculino”; subjetividade masculina”; “virilidade”; “psique masculina”; “identidade masculina”; “*masculine self perception*”; “*masculinity*”; “*male self image*”; “*male identity*”; com o filtro de que o descritor deveria aparecer no corpo ou no título. Esse critério foi adotado para excluir estudos que apenas mencionavam o tema

masculinidade que foram realizadas em outras áreas do saber, de modo a identificar apenas os estudos da área da que apresentavam como foco principal deste estudo.

Foram incluídos nesta busca todos os estudos que estivessem publicados em periódicos, revista especializadas ou indexados nas referidas bases de dados até julho de 2017. Foram excluídos documentos que estivessem apresentados em duplicata entre as bases, cujo tema não contemplasse o objetivo proposto neste estudo, ou que não estivessem disponíveis no meio digital. A análise dos dados dos documentos indicados foi realizada por meio de uma planilha de leitura, que buscou identificar quais os conceitos teóricos mais utilizados e por diversas áreas de saber do tema proposto.

Após a busca realizada, foram identificados inicialmente **64** documentos, sendo nove artigos relevantes pela PubMed e pela SciELO Brasil **55** artigos. Destes, 33 foram excluídos por apresentarem duplicatas na revisão, por não estar disponível na íntegra em formato digital, por não estarem diretamente relacionados ao tema e não conterem informações suficientemente relevantes. Dessa forma, a revisão final contemplou um total **31** documentos. O procedimento de busca de artigos adotado nesta revisão pode ser identificado na Figura 1.

Fluxograma I: Demonstrativa de seleção dos artigos



RESULTADOS

Tabela 1: Tabela de contagem de artigos por tema.

TEMÁTICA	TOTAL	NÃO	SIM
Agressividade/violência	10	6	4
Abuso de entorpecentes (drogas, álcool)	2	0	2
Biologia (anatomia, fisiologia, medicina)	1	1	0
Corpo (saúde, estrutura, uso)	9	3	6
Gênero	20	12	7
Masculinidades	30	8	21
Negligência de autocuidado (saúde básica)	8	2	6
Nova Masculinidade	8	1	7
Sociedade (família, amigos, trabalho...)	28	16	12
Saúde Mental (stress, depressão, suicídio)	9	2	7
Sexualidade	16	5	11

Artigos que tratam diretamente sobre a nova masculinidade não foram encontrados em grande quantidade, enquanto artigos referentes à agressividade, abuso de álcool ou negligência de autocuidado estão disponíveis em maior número. Outra fonte de informações recorrente sobre o tema são artigos que tratam de gênero, ou publicados pelo viés dos estudos feministas. A tabela acima organiza por temática os artigos encontrados, considerando que os descritores, em sua grande maioria, aparecem conectados uns aos outros.

Ao analisar os estudos já realizados acerca do tema masculinidade, nota-se que este é um assunto que dificilmente é tratado de forma isolada, é comum observar temáticas que se intercalam e constroem o conceito de masculino. A masculinidade manifestou-se em diferentes contextos, permeada por questões diversas como agressividade, violência, abuso de entorpecentes, relação com o corpo, relações sociais (família, trabalho, amigos, entre outros) sexualidade, gênero, saúde física e mental, a negligência do autocuidado e, finalmente, a nova masculinidade. O descritor “Agressividade” ou “Violência” carregam, na maioria das vezes, o mesmo significado e normalmente vem acompanhadas do tema “abuso de entorpecentes” ou

“gênero”. Poucos artigos que tratam diretamente do tema “abuso de entorpecentes” e “masculinidade” foram encontrados, sendo normalmente atrelados à “Saúde mental”, “corpo” e “agressividade e violência”. Foi encontrado apenas um artigo referente à “Biologia” e masculinidade, o que pode indicar um foco maior para o comportamento por si só, enquanto o descritor “Corpo” apresentou uma maior quantidade de associações ao tema, normalmente relacionado à “Negligência de autocuidado”. O termo “gênero” é bastante recorrente e, apesar de surgir conectado à masculinidade, sua presença é mais forte em textos que tratam de “Sociedade”, “Corpo” e “Sexualidade”. Já “masculinidade” é um descritivo que permeia por todos os outros, muito presente principalmente junto dos temas “sexualidade”, “corpo”, “abuso de entorpecentes”, “sociedade” e “agressividade/violência”. “Negligência ao autocuidado” é um assunto que nem sempre vem associado à masculinidade inteiramente, mas aparece intrinsecamente conectada (ou como consequência) a alguns fatores da identidade masculina. “Sociedade” e “Gênero” se encontram “masculinidade” em diversas situações (como por exemplo o papel do homem na família, relações entre masculinidade e trabalho, aspectos do convívio social, entre outros) já “Saúde Mental” aparece com “masculinidade” em forma de análises de comportamento relacionados à própria saúde, os cuidados, as negligências, os costumes, stress, suicídio, entre outros, além de participar de “Abuso de entorpecentes” e “agressividade/violência”. E por fim, “Nova Masculinidade” aparece em menor quantidade, mas intercambiando informações entre todos os descritores citados, com exceção de “biologia” e em menor quantidade com “abuso de entorpecentes” e “agressividade/violência”.

DISCUSSÃO

De certo aquilo que pode ser considerado “positivo” no comportamento masculino é pouco conhecido e discutido pela sociedade, conforme indicam Welzer-Lang (2001) e Collier (1998), ainda mais com tantas as restrições e regras impostas para a transitar pelo universo masculino. O que a sociedade conhece é, na maior parte das vezes, uma projeção negativa do que realmente existe nas subjetividades desses homens. (RIDGE, EMSLIE E WHITE, 2011; WELZER-LANG, 2001). O modelo de sociedade patriarcal, na qual os homens detém o poder e o controle, e “não apenas as mulheres aprendem a ser submissas e femininas, e são controladas por isso, mas também os homens são vigiados na manutenção de sua masculinidade” (TORRÃO FILHO, 2005), ilude o homem em relação ao seu próprio comportamento uma vez que, segundo Meneghel, ambos os sexos (e gêneros) são penalizados pelos excessos – ou faltas – masculinas (MENEGHEL ET AL, 2012).

A masculinidade vem se reciclando ao passar dos anos, mas o comportamento heteronormativo ainda é importante para o imaginário social (CUNHA, REBELLO E GOMES, 2012) e o medo em relação à homossexualidade (e comportamentos homofóbicos) ainda fazem parte da ideia central do que é ser homem (RIBEIRO E SIQUEIRA, 2007) . Connell e Messerschmidt (2013) defendem que absolutamente nenhum homem real é capaz de se adequar a todos os requisitos hegemônicos porque o que é oferecido, na verdade, são representações de ideais e desejos, e as soluções das angústias e conflitos de gênero vividos por essa parcela da população ainda estão por serem construídas (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). É preciso ressaltar também que as sociedades contemporâneas não são mais capazes de preservar significados como antigamente e que somente as novas formas de se ser em sociedade não são suficientes para que se estabeleça essa Nova Masculinidade, precisamos nos atentar igualmente para as instituições sociais que perpetuam tais normas de gênero (SOUZA, 2010). Para pensarmos a construção das identidades masculinas de maneira adequada, devemos entender ambos os gêneros (masculino e feminino) como interdependentes: para que um homem saber o que é ser homem, ele precisa saber o que é ser mulher. Somente aí ele se torna capaz de diferenciar a qual grupo pertence e decidir adotar ou descartar de sua subjetividade. (GUERRA ET AL, 2014).

Devido à essa sociedade estruturada em uma hierarquias de gênero, até mesmo o sofrimento psíquico possui facetas gendradas. Casares (2008) diz que os estereótipos que fazem parte dos papéis de gênero estão tão profundamente enraizados na sociedade, que fazem com que o indivíduo deixe de questionar suas próprias atitudes. São esses mesmos estereótipos que reproduzem padrões emocionais e de comportamento tanto em homens,

quanto em mulheres (DE JESUS, 2013). Enquanto a mulher precisa silenciar suas angústias, ao homem resta negá-las, exibindo uma virilidade que de forma alguma estremece (ARAÚJO, 2003. P.141; WELZER-LANG, 2004). Guerra et al. (2014) chamam a atenção para o fato de que, algumas atitudes tomadas por homens, com a intenção de permanecerem na hegemonia, camuflam suas vulnerabilidades (GUERRA ET AL, 2014). Entretanto, sabe-se que a subjetividade masculina possui “uma riqueza (de significados) que tem sido negada” e que por isso, o homem desenvolveu uma maneira diferente de expressar suas dores, muitas vezes difíceis de serem identificadas até por eles mesmos (RIDGE, EMSLIE E WHITE, 2011).

Como dito por Connell e Messerschmidt (2013), devemos analisar até que ponto estes homens são capazes de se acomodar – e resistir – a um ideal de comportamento, sem que tenham de fato incorporado o que propõe tal ideal. (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). Ribeiro e Siqueira (2007) mencionam que nem todos os homens estão dispostos (ou disponíveis) a desconstruir crenças tradicionais acerca de si mesmos, enquanto outros homens já são capazes de perceber que falta algo que cause um impacto na população masculina para que se acrescente à hegemonia hábitos como o de se cuidar e cuidar da saúde, como indicam Cunha, Rebello e Gomes (2012).

Existe na sociedade em geral, um pensamento sexista acerca das identidades de gênero. De acordo com McArthur e McArthur (1998), o sexismo funciona como “uma certeza de que a relação hierárquica que existe entre homens e mulheres, sendo o gênero masculino o detentor do poder e do controle, e o feminino como fraco e subordinado, é algo normativo” (DE JESUS, 2013). Porém, para compreender-mos de forma mais profunda e abrangente, quais são os padrões de comportamento masculino e quais são as mudanças sofridas por eles no decorrer do tempo, segundo Brod (1994) é necessário que o estudos acerca das diversas masculinidades seja capaz incluir as trocas realizadas entre universos feminino e masculino, ao invés de julgá-los autossuficientes. (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). Uma outra variável que deve ser levada em consideração, é referente às novas perspectivas trazidas pelas gerações mais jovens ao estereótipo de “ser homem” e que, por causa disso, são violentados verbal e fisicamente tentam de alguma maneira romper com a hegemonia vigente. Mesmo a mídia (RIBEIRO E SIQUEIRA, 2007) e a diversidade de grupos sociais, estilos de vida e estéticas trazendo novos significados para a identidade masculina em formação (SOUZA, 2010), um estudo realizado com homens gays ou bissexuais, que estão de alguma forma definindo suas identidades de gênero, identifica uma resistência das instituições em aceitar uma nova forma de expressas masculinidades contrárias à norma. (WILSON ET AL, 2010).

A masculinidade por fim nasce de intercâmbios entre aceitar e resistir à determinadas imposições sociais. Apesar de tudo, hoje em dia, graças à maior participação dos veículos midiáticos na participação do processo de criação de novos signos masculinos, conforme citado por Ribeiro e Siqueira (2007), dando a este homem maiores possibilidades de revisitar seus papéis de gênero até então imobilizados por instituições homossociais (WELZER-LANG, 2001; RIBEIRO E SIQUEIRA, 2007). É fundamental que este homem seja capaz de conhecer novas realidades e formar novos significados para seu próprio universo, ainda mais neste momento enunciado por Machado (2008); Cecarelli (1998) e Da Silva e Macedo (2012), em que o homem contemporâneo “atravessando uma ‘crise da masculinidade’” justamente porque as possibilidades de ser no mundo são inúmeras. Mesmo a masculinidade hegemônica tendo se tornado conhecida por sua relação com comportamentos agressivos, corpos viris, e sexualidades instintiva, Connell e Messerschmidt (2013) e Collier (1998), acreditam que existe sim a possibilidade de se criar uma masculinidade hegemônica “positiva”, desde que seja capaz de estabelecer relação de igualdade com seu oposto complementar feminino. (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com os artigos analisados, existem sim evidências de que a “masculinidade hegemônica” não se reproduz organicamente. Para que se sustente um determinado conjunto de comportamentos, homens precisam ser cobrados e policiados e as mulheres permanecerem excluídas (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013). É totalmente possível afirmar que a identidade masculina e seus alicerces principais precisam ser constantemente revalidados. (DE JESUS, 2013). A hierarquia social que mantém a mulher subordinada à dominação do homem foi criada e é conservada por um processo histórico, não por uma sequência de acasos. No entanto, assim como relembram Connell e Messerschmidt, 2013, esta hierarquia pode ser contestada e facilmente alterada, já que manter-se no topo é um trabalho árduo.

O que falta, de acordo com Connell e Messerschmidt (2013), é entender e considerar que este sujeito é muito mais do que um conjunto de normas pré-determinadas pela sociedade e que, além disso, nos faltam informações relevantes que mostrem de forma

realista, que tipo de relacionamento esses homens estabeleceram com a hegemonia em suas vidas cotidianas, como funcionam seus processos de aceitação e resistência a novos comportamentos e como se negociam novas identidades frente às exigências da sociedade (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013; RIBEIRO E SIQUEIRA, 2017; WILSON ET AL, 2010). Uma enorme quantidade de conflitos internos são gerados na tentativa de adaptarem-se às regras, fazendo com que, para que se mantenham as relações de poder, esses homens acabem provando do próprio veneno (DE JESUS, 2013). – o que se faz para permanecer no topo da pirâmide social muitas vezes traz mais sofrimentos do que alegrias.

É possível dizer e que grande parte do sofrimento psíquico vivido por estes homens, pode ser fruto de padrões de comportamento e não necessariamente precisa ser patologizado (MENEGHEL ET AL, 2010). Além do mais, Beiras et al (2007) relembra que são necessários mais estudos que reúnam informações sobre a psique masculina, como o homem cuida e entende de sua mente e como vem adaptando sua subjetividade às novas normas. Além da mente, Beiras et al (2007) fala também de uma urgência em dedicar mais atenção aos estudos referentes ao corpo masculino, tão crucial para a construção de suas identidades (BEIRAS ET AL, 2007; RIDGE, EMSLIE E WHITE, 2011).

Outro pilar importante, e que precisa ser olhado com maior número de varáveis possíveis de acordo com Baker (2016), é a violência e agressividade que circunda este universo e que, por ser normatizada como “parte” do sexo masculino, crimes são cometidos com o aparato da masculinidade e que passam em branco como crimes comuns, deixando de ser contabilizados como crimes de gênero (BARKER, 2016). Crimes estes que, conforme citado, são cometidos em larga escala contra a população feminina. Pensando por este lado, e baseada no levantamento de dados realizado, as relações construídas (ou destruídas) entre o universo masculino e feminino carecem de informações aprofundadas. Por exemplo, quais seriam os conflitos gerados entre masculinidade e a independência feminina, conquistada nas últimas décadas? Qual posicionamento o homem assume na sociedade agora que surgiu essa nova mulher, mais independente e dona de si? Gutmann (2009) ressalta que, ainda hoje, pouco sabemos da maneira que o homem entende e atribui significado ao papel da mulher adulta (mães, irmãs, cônjuges...) em suas vidas cotidianas. Como essa mulher influencia a identidade deste homem? Quais significados são atribuídos aos relacionamentos afetivos e sexuais vividos dentro e fora do âmbito doméstico (esposa x prostitutas, por exemplo)? Qual é o papel materno no processo de desenvolvimento masculino? Outra questão a se levantar é, de que forma essa parcela da população entende os homens transgêneros? A que grupo

pertencem? De que forma (re) constroem suas identidades de gênero depois de alterarem sua anatomia?

Sendo o corpo físico algo de grande importância para a identidade masculina, mas que nem sempre atende às exigências da hegemonia, o homem que precisa comprovar sua masculinidade transfere para signos diferentes a virilidade que deveria ser da estrutura física. Conforme citado, exhibe objetos (de valor ou não) que simbolizem sua virilidade. Carros, troféus, salários... Mas e o homem que não pode, por algum motivo, ter o corpo normativo e não possui recursos financeiros que comprovem sua identidade masculina? De que forma esses homens negociam suas masculinidades? Que tipo de adaptação é feita? E os homens que priorizaram o desenvolvimento intelectual em detrimento do físico? Como são percebidos?

A masculinidade contemporânea não pode ser entendida como um construto inabalável, que se instaura no indivíduo e permanece intacta até o fim de sua vida. Conforme afirmado por Connell e Messerschmidt (2013), não existe um conceito universal para definirmos a “masculinidade hegemônica”, vez que o homem constitui sua identidade por meio de intercâmbios que realiza entre sua subjetividade, experiências de vida, conflitos internos e as exigências sociais. O que entende-se então como hegemonia nada mais é do que uma forma de compreender quais significados são priorizados e o quais são descartados em relação ao papel social do homem (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013) e acima de tudo, por que são esses ideais escolhidos ou recusados. Deve-se compreender a **masculinidade como um processo** ou, como caracteriza Souza (2010), como uma “experiência coletiva e individual em constante transformação” e, levando em conta que um dos maiores desafios da democracia é conseguir ouvir todas as vozes, sem excluir ou oprimir ninguém (PAULINO, 2009; DE JESUS, 2013), questionar e incluir essas minorias rejeitadas e silenciadas pela hegemonia nos estudos sobre o homem, não apenas pode expandir a percepção e o entendimento que se tem acerca do construto da masculinidade, como pode permitir que observemos quais mudanças no universo masculino (e nos demais universos) nos aguarda num futuro não tão distante (Souza, 2010).

Neste contexto, a juventude é a grande responsável por reciclar e resignificar antigos padrões do comportamento masculino. Wilson et al. (2010) defendem que estudos que explorem as novas formas que a juventude negocia as diversas possibilidades de ser homem no cotidiano, seriam de extrema importância e relevância para as discussões acerca da

masculinidade. Ribeiro e Siqueira (2007) sugerem que, sendo a escola o primeiro ambiente em que a criança se depara com a necessidade de reavaliar características femininas e masculinas, previamente atribuídos pela família, para sua desenhar sua identidade de gênero (RIBEIRO E SIQUEIRA, 2007) seria essencial, para que possamos melhor compreender esse novo universo de significados que surge com novos meninos em formação, olhar com mais atenção para a influência que a escola exerce na determinação de normas para o comportamento masculino.

E por fim, a “Nova Masculinidade” está nascendo de maneira sutil, dividindo espaço com inúmeros outros assuntos como gênero, comportamento, sociedade, saúde psíquica, saúde física, relacionamento com o corpo, entre outros, mas não foram encontrados artigos suficientes que abordassem as novas configurações da agressividade ou violência masculina, abuso de entorpecentes ou assuntos ligados à biologia, indicando que possivelmente essa nova masculinidade permanece conectada a essas temáticas. O que os homens de hoje estão vivendo é uma transição da estrutura rígida do antigo modelo patriarcal e adentrando em novos espaços, agora com uma maior presença de relações afetivas significativas. São necessários mais estudos sobre essa Nova Masculinidade e sua forma de entender os relacionamentos interpessoais, o papel do homem no novo ambiente doméstico, sua maneira de se adaptar às exigências da paternidade contemporânea, entre outros assuntos que se intercalam entre indivíduo e sociedade. Por fim, concordando com o que dizem Connell e Messerschmidt (2013), ao invés olhar para esses homens com pena ou descaso, a sociedade precisa reconhecer que o conjunto de nem sempre as normas de comportamento propostas pela comunidade masculina proporcionam a esses homens experiências prazerosas ou uma vida satisfatória. (CONNELL E MESSERSCHMIDT, 2013).

REFERÊNCIAS

BARKER, G. **Male violence or Patriarchal Violence?** Global Trends in Men and Violence. 2016. Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana, n.22, p 316-330. Universidade de Coimbra, Centro de Estudos Sociais, Coimbra, 2016. (Tradução minha)

BEIRAS, A. et al. **Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma.** 2007. *Psicologia e Sociedade*; 19 (3), p. 62-67. Universidade de Santa Catarina, Florianópolis, 2007.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1930 – 2002. 160p. ISBN 85-286-0705-4.

CECCHETTO, V. et al. **Violências percebidas por homens adolescentes na interação afetivo-sexual em dez cidades brasileiras.** 2016. *Interface (Botucatu)*; 20(59), p. 853-64, Botucatu, 2016.

CONNELL, R.W.; MESSERSCHMIDT, J.W. **Masculinidade hegemônica: repensando o conceito.** 2013. *Estudos Feministas, Florianópolis*, 21(1): 424, janeiro-abril/2013. Florianópolis, 2013.

COROSSACZ, V. **Cor, classe, gênero: aprendizado sexual e relações de domínio.** 2014. *Estudos Feministas, Florianópolis*, 22(2): 521-542 - Università degli Studi di Modena e Reggio Emilia (Itália), 2014.

CUNHA, R.B.; REBELLO, L.E.F.S.; GOMES, R. **Como nossos pais? Gerações, sexualidade masculina e autocuidado.** 2012. *Physis Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro*, 22 [4]: 1419-1437, 2012.

DA SILVA, F.C.F.; MACEDO, M.M.K. **A Escuta do Masculino na Clínica Psicanalítica Contemporânea: Singularidades de um Padecer.** 2012. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, Brasília*, Abr-Jun 2012, Vol. 28 n. 2, pp. 205-217 - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2012.

DE CASTRO e SILVA, A.M. **O prazer de Sísifo está no leito de Procusto: a emoção do prazer nos relatos dos consumidores de *fast sex*.** 2010. *Sexualidad, Salud y Sociedad – Revista Latinoamericana*, n.6, p. 63-82. Doutorando em Ciências Sociais - Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais - Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPCIS/UERJ), Rio de Janeiro, 2010.

DE JESUS, J. 2013. **O conceito de Heterocentrismo: um conjunto de crenças enviesadas e sua permanência.** 2013. *Psico-USF, Bragança Paulista*, v. 18, n. 3, p. 363-372 - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

FERNANDES, M.G.M.; GARCIA, L.G. **O corpo envelhecido na percepção de homens idosos.** 2010. Rev Bras Enferm, Brasília 2011 mai-jun; 64(3): 472-7.- Universidade Federal da Paraíba. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem. João Pessoa, 2010.

FONTANELLA, B.J.B.; GOMES, R. **Cuidados à saúde sexual de duas gerações de homens:** permanências e volatilidades de roteiros e *habitus*. 2015. Ciência & Saúde Coletiva, 20(1):259-272, Rio de Janeiro, 2015.

GALLAGHER, K.E.; PARROTT, D.J. **What accounts for men's hostile attitudes toward women?** The influence of Hegemonic Male Role Norms and Masculine Gender Role Stress. 2011. Violence Against Women. 2011 May; 17(5): 568–583. Department of Psychology - Georgia State University, Atlanta, Estados Unidos. 2011.

GASTALDO, É.L.; BRAGA, A.A. **Corporeidade, esporte e identidade masculina.** 2011. Estudos Feministas, 19(3): 392, setembro-dezembro, Florianópolis, 2011.

GUERRA, V.M. et al. **Ser homem é....:** Adaptação da Escala de Concepções da Masculinidade. 2014. Psico-USF, Bragança Paulista, v. 19, n. 1, p. 155-165, jan./abril, Bragança Paulista, 2014.

GUTMANN, M. **O Fetiche Totêmico da Sexualidade Masculina:** Oito Erros Comuns. 2009. Revista brasileira de ciências sociais - vol. 24 no 6 69 - 32º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais de Caxambu MG, Caxambu, 2009.

GRASSI, M.V.F.C.; PEREIRA, M.E.C. 2001. **O "Sujeito Sintoma" Impotente na disfunção erétil.** 2001. Ágora v. IV n. 1 jan/jun, p. 53-76, Vitória, 2001.

GRAÇA, R. **Performatividade e Política em Judith Butler:** corpo, linguagem e reivindicação de direitos, 2016. Mestre em Filosofia - Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2016.

MENEGHEL, S.N. et al. **Suicídio de idosos sob a perspectiva de gênero.** 2012. Ciência & Saúde Coletiva, 17(8): 1983-1992, 2012.

NASCIMENTO, P. **Beber como homem: Dilemas e armadilhas em etnografias sobre gênero e masculinidades**. 2016. Revista brasileira de ciências sociais - vol. 31 n° 90 -Universidade Federal da Paraíba (UFPb), João Pessoa, 2016.

OTT, M. **Examining the Development and Sexual Behavior of Adolescent Males**. 2011. J Adolesc Health. 2010 April ; 46(4 Suppl): S3–11 - Society for Adolescent Health and Medicine.-, Illinois, Estados Unidos, 2011.

RIBEIRO, C.R.; e SIQUEIRA, V.H.F. **O novo homem na mídia: ressignificações por homens docentes**. 2007. Estudos Feministas, 15(1): 280, janeiro-abril/2007, Florianópolis, 2007.

RIDGE, D.; EMSLIE, C.; WHITE, A. **Review article - Understanding how men experience, express and cope with mental distress: where next?**. 2011. Sociology of Health & Illness Vol. 33 No. 1, pp. 145–159, Foundation for the Sociology of Health & Illness/Blackwell Publishing, Inglaterra, 2011.

RUBARTH, S. **Competing Constructions of Masculinity in Ancient Greece**. 2014. Athens Journal of Humanities & Arts. Vol. 1, No. 1, Atenas, Grécia. 2014.

ROUSSEAU, J. **Emilie (On Education)**. 1762. [Online] disponível em <<http://oll.libertyfund.org/titles/rousseau-emile-or-education>> - acessado em 18 de Out. 2017.

SIMONI, V.; PISCITELLI, A. 2015. **Masculinities in times of uncertainty and change: introduction**. 2015. Etnográfica, 19 (2): p. 293-299, Lisboa, Portugal, 2015.

SOUZA, C.L.C.; e BENETTI, S.P.C. 2009. **Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007**. Paideia, 19(42), 97-106, Ribeirão Preto, 2009.

SOUZA, R, 2010. **Rapazes negros e socialização de gênero: sentidos e significados de “ser homem”**. Cadernos Pagu (34), janeiro-junho de 2010:107-142, Campinas, 2010.

SOUZA, E.M.; BIANCO, M .F.; JUNQUILHO, G.S. **Contestações sobre o Masculino no Contexto do Trabalho: Estudo Pós-modernista em Mineradoras e Siderurgias**. 2015. RAC, Rio de Janeiro, v. 19, 3a Edição Especial, art. 2, pp. 269-287, outubro 2015 - Universidade Federal do Espírito Santo – UFES. Rio de Janeiro, 2015.

SCOURFIELD, J et al. **Sociological autopsy: An integrated approach to the study of suicide in men.** 2010. *Social Science & Medicine* 74 (2012), p. 466 – 473. Reino Unido, 2010.

TAVARES, G.P.; ALMEIDA, R.M.M. **Violência, dependência química e transtornos mentais em presidiários.** 2010. *Estudos de Psicologia*, I 27(4) I 545-552, outubro – dezembro. Campinas, 2010.

TORRÃO FILHO, A. **Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam.** 2005. *Cadernos Pagu* (24), janeiro-junho de 2005, pp.127-152.Campinas, 2005

TSIRIGOTIS, K.; GRUSZCZYŃSKI, W.; MANIECKA-TSIRIGOTIS, M. **Gender Differentiation of Indirect Self-Destructiveness.** 2012. *International Journal of Occupational Medicine and Environmental Health* 2013; 26(1):39–48 - Nofer Institute of Occupational Medicine, Łódź, Poland, 2012.

WELZER-LANG, D. **A construção do masculino: dominação das mulheres e dominação das mulheres e homofobia.** 2001. *Estudos Feministas*. Ano 9, 2º Semestre, Florianópolis, 2001.

WILSON, B.D.M et al. **Negotiating Dominant Masculinity Ideology: Strategies Used by Gay, Bisexual and Questioning Male Adolescents.** 2010. *Am J Community Psychol*. 2010 March ; 45(1-2): 169–185, Georgia, Estados Unidos, 2010.

ZANELLO, V.; FIUZA, G.; e COSTA, H.S. **Saúde mental e gênero: facetas gendradas do sofrimento psíquico.** 2015. *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 27, n. 3, p. 238-246, set.-dez. - Dossiê Políticas Sexuais e de Gênero no Contemporâneo – Universidade de Brasília, Brasília